



P-0888

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

PROCESSO Nº 088
088

TÍTULO DA PEÇA: ⁰ "PECADO IMORTAL"

CENSURADA NA GUANABARA

Censurada também neste SCDP, em 18-10-67

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

Carimbo do S. C.

PEDRO BLOCH

Autuação

Anexos:

RECURSO APRESENTADO EM 23-10-67
- 16 - ANOS -

PROC.-	088
LIV.-	01
FAG.-	57
REG.-	1805

Distribuição

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, 23 de outubro de 1967.

PARECER DE CENSURA

"O Pecado Imortal", de Pedro Bloch

ENTRECHO: Diálogos entre um casal de atores, que, mesmo na vida íntima, já mescla seus sentimentos e condutas com os dos personagens por êle interpretados. O autor procura situar a função social dos elementos que adquirem o "status" de ídolos das multidões. História fraca, sem maldade, com o tradicional "happy ending" do teatro açucarado.

Apreciação quanto ao decôro público: Contém apenas uma passagem, assinalada às fôlhas 11, que seria capaz de ruborizar as mocinhas mais púdicas:..."donzela espartana acostumada a sair de casa e tomar parte de nádegas nuas e salta túnica..." Contudo, trata-se de texto de Eurípedes, que já resistiu a mais de 2 000 anos de censura, e seria um contra-senso cortá-lo agora. Não fora isso, opinaríamos pela restrição etária de até 10 (dez) anos. Com rigor, poderá sair para maiores de 14 (quatorze) anos.

Coriolano de Loiola C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

Censor Federal - 2 095 823

Exmo. Sr. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. FEDERAL

C-1822

A Companhia Teatral Ymca Serviços Ltda., por seu sócio abaixo assinado, respeitosamente, vem expor e alegar, para requerer, o seguinte:

1º)- A Companhia YMCA, está realizando uma excursão teatral e cultural pelos diversos Estados da União, sob os auspícios do Serviço Nacional do Teatro, iniciando a execução do Plano Nacional de Popularização do Teatro, com a peça "O PECADO IMORTAL" do eminente teatrólogo brasileiro Pedro Bloch;

2º)-que, de acôrdo com as normas legais que disciplinam o assunto, antes de iniciar a excursão, submeteu a peça á necessária censura teatral,

3º)- que a peça foi lida e examinada pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas, que emitiu o certificado de nº075-GB, datado de Brasília, aos 12 dias do mês de julho de 1967, com validade até 12 de julho de 1968, assinado pelo exmo. sr. A. Romero Lago, com a seguinte ressalva: "Proibido para menores até 16 anos e para Televisão";

4º)-que, de posse do certificado liberatório, com a ressalva já mencionada, contratou a Companhia espetáculos teatrais em quasi todas as capitais do Brasil, fixando as datas, os horários e os teatros onde se exhibiria;

5º)-que, inclusive, dentro do programa, planejado a priori, reservou acomodações em hotéis e comprou as passagens aéreas para todo o pessoal da Companhia;

6º)-que, com o certificado mencionado, exibiu-se em Belo Horizonte, Porto Alegre, Florianópolis, Blumenau e Curitiba;

7º)- que, em Curitiba, foi-lhe exigida nova censura da peça, sendo a mesma liberada pelo Departamento de Polícia Federal, Delegacia do Paraná e Santa Catarina, com a mesma ressalva já mencionada e com o approval do Chefe do T. C. D. P., datado de 6 de setembro de 1967, aposto no requerimento protocolado sob nº 3258 de 6-9-67, daquela Delegacia;

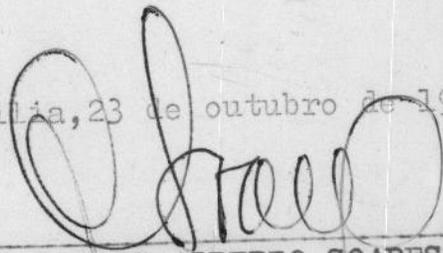
como de fato montou, sob os auspícios da Fundação Cultural do Distrito Federal, encaminhou ao serviço competente a peça já censurada, para a liberação dos espetáculos programados, isto é dos dias 20 a 25 do corrente;

9ª)- que, para surpresa da requerente, e sem justificativa plausível, emitiu-se novo certificado de nº 1805/67, assinado pelo sr. A. Romero Lago, o mesmo signatário do certificado anterior, com a proibição para menores até 18 anos;

10ª)- que, destarte, o Serviço de Censura Federal, ignorou e feriu os compromissos já assumidos pela Companhia, com referência aos contratos já assumidos nas diversas capitais dos Estados da União, e, como pareça à Companhia Teatral YMCA, que a mocidade de Brasília, da idade dos 16 aos 18 anos, não é cultural, intelectual e moralmente inferior a dos Estados onde, para ela, a peça foi liberada, e acreditando tratar-se apenas de excesso de zelo de algum funcionário, eis que a peça é uma das mais puras do teatro brasileiro, quer na linguagem, quer no enredo, como no "mis-en-scene", formula a presente para requerer a reconsideração do despacho exarado em 19 de outubro de 1967, sob o nº de registro 1805/67, para o fim de permitir o livre acesso ao teatro, na exibição da peça "O PECADO IMORTAL" aos menores de mais de 16 anos.

Por ser um ato de equidade e justiça a requerente espera seja o presente deferido,

Brasília, 23 de outubro de 1967



CARLOS ALBERTO SOARES

*Declaro o certificado
R. W. 23/10/67*

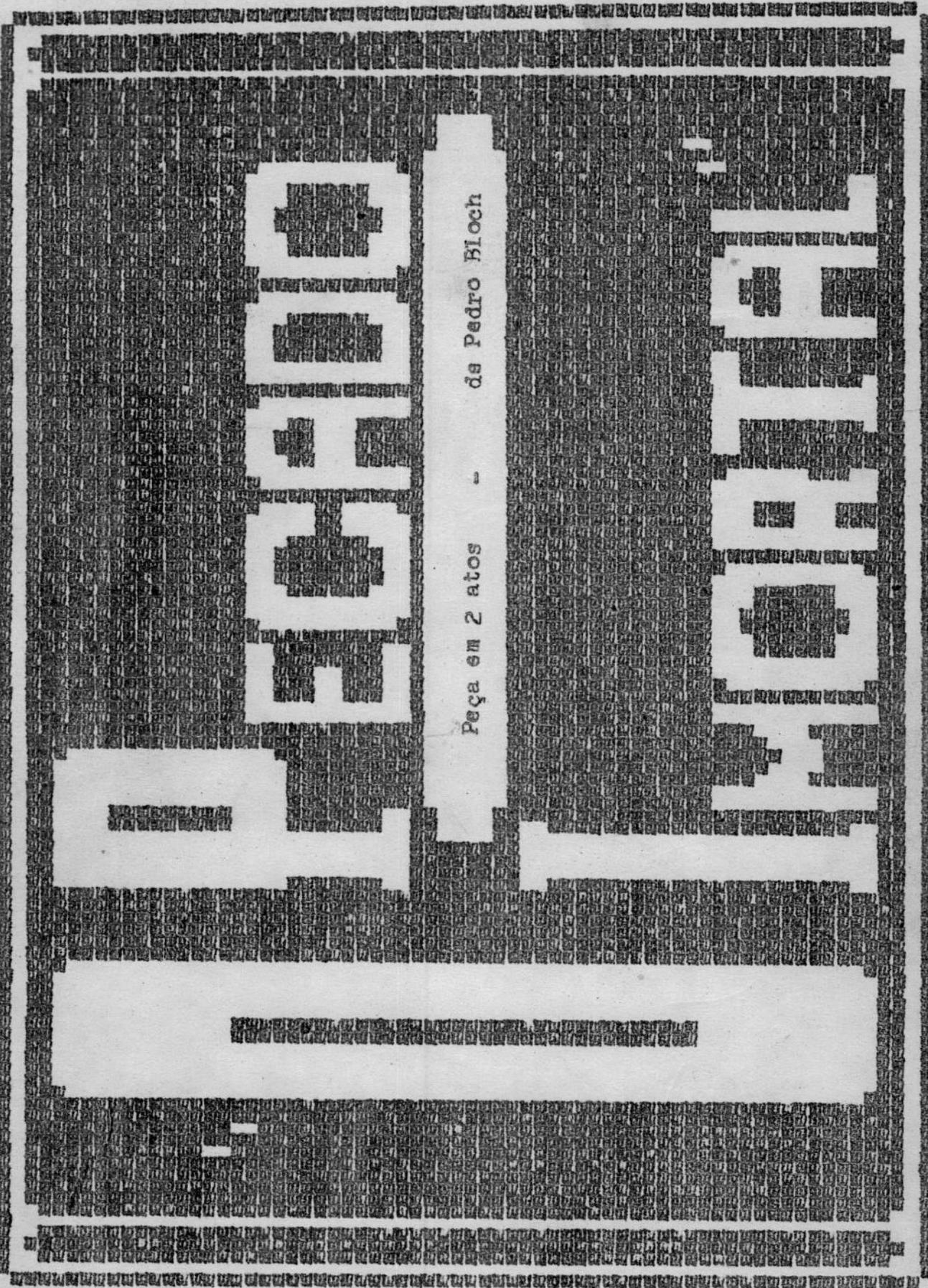
Sendo deferido o presente recurso impetrado, foi expedido o certificado de censura com impropriedade de 16 ANOS, com validade até 23 de outubro de 1968.

R. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 5719
Em 23 / 10 / 1967

BSB-DF, 23-outubro-1967

M. S. S. S.

Handwritten signature



Peça em 2 atos
de Pedro Bloch

**IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.**



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



N.º DE REGISTRO 1805/67

TÍTULO ~~RECORRER~~ DA PEÇA: - O PECADO IMORTAL -

~~PRELIMINAR~~ AUTOR: PEDRO BLOCH

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

Válido até 19 de OUTUBRO de 19 68

Brasília, 19 de outubro de 19 67

**IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.**

[Assinatura]
Chefe do S. C. D. P.
A. ROMERO LAGO

CERTIFICADO N.º 1805/67

PEÇAS TEATRAIS

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~filmes e espetáculos~~
 encontrei sob o n.º 1805/67, livro XXXXXXXXXXXX, o registro de ~~filme~~ PEÇA
 denominada - O PECADO IMORTAL -

~~propriedade de~~~~localizada em~~~~produzido pela fábrica~~

AUTOR: PEDRO BLOCH

com ~~XXXXXXXXXX~~ 01 cópias, censurado em 18 de OUTUBRO de 19 67.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que ~~a~~ referida ~~filme~~ PEÇA
 de acôrdo com o ~~§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493 de 24/1/46~~ modificado pelo
~~Decreto 37.008 de 8/3/55~~ ~~fosse~~ ÍTEM 7, PARÁGRAFO 1.º, DA PORTARIA Nº 11/67,
 FOSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL, COM
 PROIBIÇÃO PARA MENORES de 18 (DEZOITO) ANOS, E PARA TELEVISÃO, ACOM-
 PANHANDO O SCRIPT, NUMERADAS E RUBRICADAS AS PÁGINAS DO MESMO DE 01
 A 42 (1.º ATO) E DE 42 A 82 (2.º ATO).

Brasília, 19 de OUTUBRO de 19 67

Maria Reinalda Weitzel
 SECRETÁRIA

BRASIL
REPUBLICA FEDERAL DO BRASIL
SECRETARIA DE JUSTIÇA

075-GB

XXXXX DA PEÇA - PECADO IMORTAL

XXXXXX AUTOR - PEDRO BLOCH

PROIBIDO PARA

12

JULHO

68

MENORES ATÉ 16

12

JULHO

67

ANOS E PARA TE

LEVIÇÃO.

A. ROMERO LAGO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TEATRO

N.º DE REGISTRO 075-GB

TÍTULO DO FILME XXXXX DA PEÇA - PECADO IMORTAL

PRODUTOR XXXXXX AUTOR - PEDRO BLOCH

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

PROIBIDO PARA
MENORES ATÉ 16
ANOS E PARTE
LEVISSÃO.



Válido até 12 de JULHO de 19 68

Brasília, 12 de JULHO de 19 67

[Assinatura]
Chefe do S. C. D. P.
A. ROMERO LAGO

CERTIFICADO N.º 075 / G B

PEÇAS TEATRAIS

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~filmes cinematográficos~~
 encontrei sob o n.º 075 / G B, livro -1-, o registro de ~~filme~~ PEÇA
 denominado " O PECADO MORTAL "

~~propriedade de~~ AUTOR: PEDRO BLOCH

domiciliado à

~~produzido pela fábrica~~ YNCA SERVIÇOS LTDA

com 01 metros e 01 cópias, censurado em 12 de JULHO de 19 67.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que o referido ~~filme~~ PEÇA
 de acôrdo com o ~~§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, modificado pelo~~
~~Decreto 37.008, de 8/3/55, fosse~~ ITEM y, PARÁGRAFO 1º DA PORTARIA SCDP
11/67, FOSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO COM A PROIBIÇÃO PARA MENORES
ATE 16 ANOS E PARA TELEVISÃO.

ESTADO DA GUANABARA

Brasília, 12 de JULHO de 19 67

SECRETÁRIO

Joseleite Ottati
 JOSÉ LEITE OTTATI
 CHEFE DA SCF/DR/GB/DPF

fundação cultural do distrito federal

OF. N.º 324/67-DE-FCDF

Em 6 de julho de 1967

Do : Diretor Executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal

Ao : Ilm.º Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Assunto : solicita censura

Senhor Chefe :

1805

Pelo presente passamos às mãos de V.S.ª textos da peça "O PECADO IMORTAL", de Pedro Bloch, em 2 atos, motivo pelo qual solicitamos a V.S.ª examinar as possibilidades no sentido de que venha a mesma obter a devida censura.

Sendo o que se nos apresenta renovamos protestos de elevada estima e distinguida consideração.

[Handwritten Signature]
CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE
Diretor Executivo

IMPRÓPRIO ATÉ 10 ANOS

Ao
Ilm.º Sr.
Dr. ROMERO A. LAGO
nesta
c.

M. J. O. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 3522
Em 7/7/1967
Procedente

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em 2 de setembro de 1967
[Handwritten Signature]

Do censor José
Vieira Madeira para
examinar e emitir pa-
reer.

Em 07-07-67
M. Weitzel
Ch. da TETE.

P A R E C E R

"Pecado Mortal", peça em dois atos de autoria de Pedro Bloch, procura mostrar os dramas psicológicos vividos por um casal de atores dos dias atuais, que não conseguem desligar-se dos personagens que representam. A peça, por vezes, não consegue ultrapassar as características do melodrama radiofônico, tais os quadros inseridos dentro do texto, quando os personagens deixam de ser eles mesmo, para representar. O tema é tratado dentro de um ritmo por vezes dramático, outras comico, mas é mediocre. O autor inicia a narrativa como se contasse uma história comum, mas depois descobre-se tratar-se apenas de um ensaio de uma peça para a Televisão.

O drama, no seu contexto, trata de assuntos destinados à um público adulto, tais os problemas do casal aí retratado, razão pela qual indicamos um impropriedade que defenda a juventude de certas imagens, cujo sentido poderá causar confusão em mentes ainda em formação. A peça é atual, mas nada há que atente aos costumes ou à moral, pois seu texto é baseado numa conversa natural entre um casal, razão pela qual liberamos o texto, na íntegra, com um limite etário de 18 DEZOITO - Anos, face as implicações já citadas.

Para a liberação plena do espetáculo, solicitamos que seja marcado pelos interessados, uma apresentação da peça.

Brasília, 13 de Março de 1967

José Vieira Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
Censor Federal 18-B
Mat. 2.095.858

Em Tempo
Por se tratar de peça já
levada à end em outros
Estados, com censura do DPF,
dispensou o ensaio final, em
Brasília
em 18/10/67

fundação cultural do distrito federal

Of. nº 616/67-DE-FCDF

Em 16 de outubro de 1967

Do Diretor Executivo da Fundação Cultural do D. Federal

Ao Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

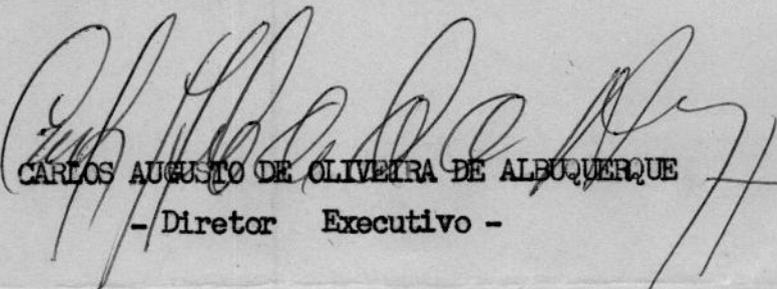
Assunto Solicitando autorização -

Senhor Chefe:

A Fundação Cultural do Distrito Federal, promoverá nos dias 20, 21, 22, 23, 24 e 25 do mês em curso a peça Teatral "O PECA DO IMORTAL".

Por este motivo, solicitamos à V.Sa. autorização para a realização da referida promoção, a qual será realizada no Teatro Martins Penna às 21 horas, no dia 21 também às 17 horas.

Sem outro particular, renovamos ao ensêjo, protestos de estima e consideração.


CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE

- Diretor Executivo -

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

1º ato - pag.2

PERSONAGENS:ELE
ELA

AÇÃO: -

ÉPOCA: ATUAL

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.

CENÁRIO - Living com alguns elementos de luxo numa rotunda. Telefone, televisão, gravador, projetor de "slides" e tela de projeção de desenrolar.

É noite. DINA está em cena nervosíssima quando a campainha da rua toca. Ela corre alvoroçada a abrir a porta, não sem antes ter dado uma olhada no espelho e ajustado cabelo. De fora se ouve sua exclamação de alegríssima incredulidade.

DINA

Não! Não!...

Ela volta ao "living", precedendo ALDO que entra sem falar. É um tipo cheio de mistério, curioso, de idade indefinida. Peculiar no andar, nas maneiras. Não se sabe se aquilo é displicância ou "filosofia". maneira própria de olhar a vida e os homens. Está com um sorriso distante e nada diz, diante das primeiras exclamações efusivas de DINA que não sabe o que fazer do homem nem de seu próprio espanto jubiloso. ALDO reage como se estivesse observando indiferente um aquário ou olhando através de.

DINA

Mas você veio mesmo! Eu não estou acreditando, palavra! (ANALISA-O)
Você nem calcula... nem pode imaginar como eu fiquei. Num dilema tremendo: "Telefone", "Não telefone", "Telefone", "Não telefone"...

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

1º ato - pag.3

Eu... Eu não sabia a reação que você ia ter, entende? O coração parecia que... (ELE ANALISA O AMBIENTE, DISTANTE DO QUE ELA ESTÁ DIZENDO) Mas deixe olhar você direito. (PEGA DE SUAS MÃOS COMO SE FOSSE CIRANDAR E RECUA PARA ADMIRÁ-LO) (ALDO SE DEIXA MANIPULAR SEM ADERIR) Puxa! Tempão, heh?! (ALDO SORRI) Suas mãos eram tão lisas! Foi ótimo você ter vindo. Eu já nem sabia mais meu nome, o dia da semana... Hoje é quinta?

ALDO

Sexta.

DINA

Ah, é verdade. Quinta foi no outro dia.

ALDO

(TRANQUILÍSSIMO) Ontem.

Toca o telefone, DINA atende.

DINA

Alô!... Sim, embarco hoje... À meia noite! (A ALDO, TAPANDO O FONE) Desculps, é um momentinho sô. (AO FONE) Pois é. (A ALDO) Calcular que eu ainda tenho uma porção de problemas a resolver. À última hora é que a agência me avisou que passagem, passaporte, tudo estava pronto. (AO FONE) Eu podia ligar mais tarde pra você? "Ciao!" (DESLIGA APRESSADAMENTE) (A ALDO) Eu nem estou acreditando. Venha aqui e me conte o que tem feito de sua vida. (SENTOU-O NA POLTRONA) Oito anos, Aldo!... Você não mudou nada! (PARECE OLHAR O TEMPO CORRIDO COM SÚBITO E COMOVIDO ESPANTO) Oito anos!

ALDO

(SERENAMENTE RISONHO) Tudo isso?

DINA

Apenas isso. Passou assim... (GESTO DE CHSIPADA) Mas foi ótimo você ter vindo logo.

ALDO

Eu não deixaria...

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

1º ato - pag.4

DINA

Sabe que reconheci imediatamente sua voz? Puxa!... Parecia que esse dia não ia chegar nunca! (PAUSA) Que idéia a sua!

ALDO

Idéia?...

DINA

... de sumir.

ALDO

Foi o geito, não é?

DINA

Geito... como, Aldo?

ALDO

O meu radar me informa imediatamente quando estou sobrando.

DINA

Sobrando? Mas você nunca sobrou na vida de ninguém!

ALDO

Geraldina... Eu...

DINA

Que solenidade! Geraldina... (CORRIGE) Dina!

ALDO

É que eu, Dina, quando soube que você...

DINA

(RECORDANDO SUBITAMENTE) Foi engraçado quando descobrimos, não foi?

ALDO

Descobrimos, o que?

DINA

Que tínhamos, praticamente, o mesmo nome. Eu era Geraldina e você Geraldito... Mas todo mundo nos tratava de DINA e ALDO. Curioso esse abismo de anos cavado entre nós dois! Você precisa me contar o que andou fazendo.

ALDO

E você?

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

1º ato - pag.5

DINA

(VAGAMENTE) A vida... (PAUSA) Tudo bem.

ALDO

Está se vendo.

DINA

Você não acredita!

ALDO

Quem não acredita é você. Eu só disse: "está-se vendo". Só.

DINA

Você há de estar intrigado em saber porque telefonei pra você, depois de todos esses anos.

ALDO

Mais cedo ou mais tarde tinha que acontecer.

DINA

Não vai acontecer nada, entende, Aldo? Nada!

ALDO

Você já está imaginando coisas. Eu falei em acontecer um telefonema. Só.

DINA

É que eu sei como você é. Tem a mania de adivinhar tudo o que eu sinto.

ALDO

Você acha?

DINA

Se eu acho?... Com você preciso ficar imobilizada. Você sabe a significação de cada gesto, de cada movimento. Se eu mordida o lábio...

ALDO

(SURPRESA INDIFFERENTE) Você mordida o lábio?...

DINA

(REPROVANDO) Aldo!... (PAUSA) Se eu mordida o lábio você já sabia que eu estava explodindo de angústia. (ELA MORDE O LÁBIO QUASE INSENSIVELMENTE)

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.

C. M. S.

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

1º ato - pag.6

ALDO

Você está mordendo o lábio, agora!

DINA

Mas esta angústia é diferente. É assim um mixto de... Eu nunca soube explicar direito o que sentia... (PAUSA) Aldo... Nem sei se tenho o direito de lhe fazer essa pergunta mas... porque ... você não casou? (HESITANTE).

ALDO

(SERENO) E você... por que casou?

DINA

Perguntei primeiro.

ALDO

Seria lindo que eu pudesse dizer que não casei porque não achei uma mulher como você. Não seria lindo?

DINA

Seria. Por que você não casou?

ALDO

Porque não achei uma mulher como você. (PAUSA) E você?

DINA

Eu... o que?

ALDO

Por que você casou?

DINA

Mádo.

ALDO

De que?

DINA

De suas loucuras, Aldo.

ALDO

Ah!

DINA

Eu queria pisar terra firme, entenda?

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

1º ato - pag.7

ALDO

Não.

DINA

A gravidade existe, Aldo.

ALDO

Desde quando?

DINA

Newton, a maçã. Com você eu me sentia fora de órbita... Sempre.

ALDO

Comigo?!

DINA

Tinha sempre a impressão de que você estava dentro de uma daquelas cápsulas espaciais e que a contagem já tinha começado...

Quatro... três... dois... um... Já!... Com você eu me sentia perdida.

ALDO

Comigo?!

DINA

Nunca entendi sua autosuficiência. Você sempre deu a impressão de que podia enfrentar furacão, terremoto, peste bubônica. Nunca pude compreender de onde você arranca essa força. Ninguém pode confiar tanto em si mesmo! Você dá a impressão de não precisar de ninguém.

ALDO

Talvez porque eu precise de todo mundo.

DINA

Você sempre faz as coisas mais inesperadas, mais absurdas...

ALDO

É que pra mim não é absurdo! Absurdo pra mim é fazer as coisas que todo mundo faz.

DINA

Lembra do dia em que você me levou até aquela ilha?

8
Mans

ALDO

Sempre achei lindo uma mulher... uma filha... Mulher numa filha, então!...

DINA

Você tinha a mania de se banhar nua em praias desertas. À noite. Ao luar. Como um devasso.

ALDO

Como uma criança.

DINA

Não sei o que me deu naquela noite!...

ALDO

Você não reclamou.

DINA

Reclamar, como, se eu também estava... (INSINUA QUE TAMBÉM ESTAVA NUA).

ALDO

Você não queria acreditar na pureza daquela nudez. Pra mim uma mulher nua... é...

DINA

Você se portou como um perfeito cavalheiro.

ALDO

Isto é censura ou elogio?

DINA

Aldo!

ALDO

Eu não podia possuir você daquele jeito. Você, ali, pra mim, era uma obra de arte.

DINA

Eu era... o que?!

ALDO

Eu estava inibido, compreende?...

DINA

Inibido e nua.

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

1º ato - pag.9

ALDO

Também sempre tive pavor do óbvio. Um casal nu, numa praia deserta e fria, estava pedindo o que?

DINA

Cobertor.

ALDO

Seria de um terrível mau gosto, diante daquela lua, daquela ilha e daquela nudez... fazer o que todo mundo faria. Não seria?

DINA

E você não é como todo mundo. E aquela corrida de carro louca, no Sul, em que eu berrava desesperada, sem fôlego e você pisando cada vez mais... Pisando cada vez mais. (GRITA RECORDANDO) "Pare Aldo! Pare!" E você pisando!

ALDO

Estava sem freios.

DINA

Você ou o carro?

ALDO

Os dois.

DINA

(RECORDANDO EUFÓRICA) E quando ficamos presos no elevador e eu gritando que nem uma doida...

ALDO

... com um medo louco de que eu assaltasse você.

DINA

Com um desejo louco de ser assaltada.

ALDO

Então... para que os gritos?

DINA

É que eu, naquela hora, só via a cara das freiras do meu colégio. Elas pareciam um coral cantando "Pecado Mortal, Pecado Mortal". "Pecatóribus, peccatóribus, peccatóribus..." Sempre fui assim...

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

1º ato - pag.10

ALDO

Assim...como?

DINA

Pecatóribus. Nunca deixei que eu fôsse eu mesma. Nunca permiti que meus desejos tomassem conta de mim. Eu é que passei a vida tôda tomando conta d'êles, em fila indiana.

ALDO

Desejo contrariado é...

DINA

Qualquer coisa de mais aguda que me acontecesse, eu me limitava a negar, negar, negar... Não tinha acontecido... Sei que, quando uma coisa choca muito a gente, a gente apaga, a gente afoga, a gente varre da memória... fingindo que não aconteceu. Naquele dia eu disse que queria um homem... Como foi mesmo que eu disse?

ALDO

Talvez... um homem, simplesmente.

DINA

(CONCLUINDO AO RECORDAR) ... que me desse segurança!

ALDO

Segurança de que?... De que você não vai morrer, de que o outro mundo existe, de que... Segurança de que, Dina?

DINA

Foi porisso que eu casei com êle.

ALDO

Um homem tranquilo...

DINA

Tranquilo demais.

ALDO

Um homem...seguro.

DINA

Seguro demais. Depois de casada é que descobri que não estava

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

1.º ato - pag.11

tende?

ALDO

Ninguém casa com pai...

DINA

Freud explica...

ALDO

Freud era um pobre neurótico, procurando curar-se nos outros.

(PAUSA) Você foi...feliz?

DINA

Tranquila.

ALDO

Então você não foi feliz.

DINA

Como é que você...

ALDO

Felicidade, Dina, não pode ser tranquila. É ebulição, compreende? É fogueira, vulcão, furacão, caos emocional. Muita gente gosta de tranquilizante para encontrar a paz de espírito. Se eu pudesse, vivia tomando intranquilizante. Viver num clima de permanente suspense... O que foi que esse homem lhe deu?

DINA

Nome.

ALDO

Não chega.

DINA

Dinheiro.

ALDO

É pouco.

DINA

Muito dinheiro.

ALDO

É pouquíssimo.

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

1ª ato - pag. 12

DINA

Afeto.

ALDO

Afeto não é amor.

DINA

Segurança!

ALDO

Pra que?!

DINA

Foi justamente o que eu me perguntei hoje: - pra que? (TOCA O TELEFONE, APÓS CURTA PAUSA. ELA ATENDE COM IMPACIÊNCIA) Alô!... Mas eu disse que telefonava pra você mais tarde! Não tenho tempo, agora. Quer me deixar em paz? (DESLIGA) Inferno!... Já não basta os nervos que... Fica telefonando o tempo todo!... (T) Eu ainda tenho que arrumar mil coisas antes de viajar... (ACALMA-SE) Desculpe.

ALDO

É natural.

DINA

Você ainda não me perguntou, Aldo?

ALDO

Devia?...

DINA

Você ainda não me perguntou porque chamei você.

ALDO

Realmente. Especialmente num momento em que seu marido não está em casa e...

DINA

(EXPLODE) Meu marido morreu, Aldo!

ALDO

Meus pésames.

DINA

(CENSURA) Aldo!

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

1º ato - pag. 13

ALDO

Eu devia ter imaginado...

DINA

Não comece a imaginar que...

ALDO

(CORRIGE - SERENO) ... Imaginado que seu marido morreu.

DINA

Ahi... Por que?

ALDO

Porque em outras circunstâncias, você... e seu peccatoribus... ja-
mais... Está claro?

DINA

Não. Não está nada claro. Você lembra, Aldo?

ALDO

Eu devia recordar alguma coisa em particular? Especial?

DINA

Lembra o que você deixou comigo naquela noite?

ALDO

Que noite?

DINA

Na noite em que comuniquei a você que ia casar com...

ALDO

... com seu pai!...

DINA

Aldo!

ALDO

Freud explica. Não. Não lembro.

DINA

Você lembra o que aconteceu naquela noite entre nós dois?

ALDO

(TENTANDO RECORDAR) Beijei você... Possuí?...

DINA

Você nunca me possuiu, Aldo.

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1º ato - pag. 14

ALDO

(EXTRANHANDO) Palavra?

DINA

Palavra!

ALDO

Tem certeza?

DINA

Que pergunta, Aldo? Uma donzela impenitente como eu era, naquele tempo, ia esquecer uma coisa dessas? Lembra o que deixou?

ALDO

Eu... não é fácil, Dina... Nunca fui homem de deixar coisas.

DINA

(EM LENTA ÊNFASE) Você deixou uma carta.

ALDO

Nunca! Em toda minha vida creio que não escrevi mais de três cartas.

DINA

Então essa deve ter sido uma das três. Quando você se despediu, naquela noite, devo confessar, foi um alívio pra mim.

ALDO

(IRONIA "AMARGA") Obrigada!

DINA

Não. Compreenda, por favor! Eu estava curada... Livre de uma loucura, compreende?

ALDO

A loucura... era eu!

DINA

Não me interprete mal numa hora dessas. ERA EU! O que sentia por você.

ALDO

Você queria segurança!...

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1ª ato - pag.15

DINA

Mêdo de perder o contrôles. Mêdo de arriscar. Eu nunca soube correr riscos. Passei a vida tôda deitada nos dez mandamentos. Mêdo de ser eu mesma. Nunca bebi além de uma certa dose com mêdo de me revelar, mêdo de ouvir meus próprios pensamentos, minhas palavras mais sinceras e fundas. Nunca ri ou chorei acima de uma certa dose. Mas, hoje, aconteceu uma coisa tremenda, Aldo!

ALDO

Tremenda... como?

DINA

Terrível! (CORRIGE DEPRESSA) Não era terrível... ficou sendo.

ALDO

Não entendi.

DINA

É que... até hoje...

ALDO

Sim?...

DINA

Até hoje...eu não sabia...eu ignorava o conteúdo de sua carta.

ALDO

Você não leu?!

DINA

Só hoje, Aldo.

ALDO

Oito anos?!... Quem vai acreditar num absurdo dêsses?

DINA

Você, Aldo. Você vai acreditar.

ALDO

Mas é uma coisa assim...

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1ª ato - pag.16

DINA

Naquele dia... há oito anos... uma carta sua representava um sinal de alarme... Uma sirena aguda em noite de pavor. Uma... Você se despediu, lembra?... O homem com quem eu ia casar entrou. Só tive o tempo justo de esconder a carta, rapidamente, dentro de um volume da biblioteca. (JUSTIFICANDO) Ia ler depois... num momento vago qualquer...

ALDO

(RECOANDO) Num momento vago qualquer...

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.

DINA

Eu queria que você entendesse...

ALDO

Entendo, perfeitamente. Só que na minha vida... não existe o que você chama de "um momento vago qualquer". Todos os momentos importam, Dina. A vida é uma tocha, entende? Flamejando. Ardendo continuamente! Não é um fósforo vagabundo com que se acende um cigarro vagabundo qualquer...

DINA

Hoje sei disso, Aldo. HOJE. Naquela hora eu não sabia.

ALDO

E depois?

DINA

Depois... o que?

ALDO

Depois!

DINA

Casei.

ALDO

(QUASE IRÔNICO) Foi bonito o seu casamento?

DINA

RECRIMINANDO COM ANGÚSTIA) Aldo!

17
Mou

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1º ato - pag.17

ALDO

(PROSSEGUE SATÍRICO) Os noivos receberam os cumprimentos na igreja? Houve recepção no Iate?... Sua primeira noite correspondeu ao que você esperava do amor?...

DINA

Aldo!

ALDO

Desculpe. Imaginei que você talvez pudesse ficar chocada se eu não me interessasse pelos detalhes. E a carta?

DINA

(PRUDENTE - LENTA) Você ficaria muito chocado se lhe dissesse que Nunca mais me lembrei da carta?...

ALDO

Nunca?!

DINA

Só hoje...

ALDO

Só hoje...

DINA

Só, hoje, arrumando meus livros, a procura de papéis e certidões pra deixar procuração e poder viajar, é que a carta caiu de dentro da "Divina Comédia", perfeita, fechada, intacta, virgem.

ALDO

Já é um consôlo.

DINA

(ADMIRADA) Consôlo?!

ALDO

Uma obra de Dante, não é? Em vez de estar dentro da "Divina Comédia" a carta poderia ter tido um destino mais... prosaico.

DINA

Lendo a sua carta é que percebi... o que as nossas vidas poderiam ter sido... se eu a tivesse lido há oito anos atrás.

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1ª ato - pag.18

ALDO

(ANALISANDO O "ABSURDO") Você não tinha sequer aberto a carta!

DINA

(JUSTIFICANDO RÁPIDA E AFLITA) Mêdo, Aldo! Pavor! Eu sabia...adivinhava o que ela continha... Era o sonho...e eu queria a realidade de uma vida serena, de horas marcadas e noites dormidas. Você era uma ameaça, uma loucura. Acho que o instinto, o subconsciente, sei lá!, me fez guardar a carta, esquecer a carta, com mêdo do que ela pudesse conter. Eu me desfiz dela com a rapidêz com que se tira depressa o dedo de um ferro em brasa.

ALDO

A vida é um risco permanente, Dina. Arriscamos cada minuto, cada palavra, gesto ou ação.

DINA

E eu tinha razão. Veja o que você escreveu. (PEGA DA CARTA, MAS DIZ DE CÔR:) "O mundo foi estragado pelos homens equilibrados, que fizeram as fôrmas e afogaram os instintos, criaram a moral e a hipocrisia".

ALDO

(SATISFEITO) Eu disse isso?

DINA

Por que? Acha estranho?

ALDO

Acho ótimo! Prova que não mudei até hoje. Meu mundo é o mundo dos doidos sem cura.

DINA

Sabe o que me deixa alucinada? Como é que essa carta ficou aí plantada num livro êsses anos todos?

ALDO

Por acaso você verificou?

DINA

O que?

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1º ato - pag. 19

ALDO

Entre que páginas ficou a carta? "Inferno", "Purgatório", "Paraiso". "O amor que move o sol"...

DINA

Já calculou o que seria de nós se eu a tivesse lido quando você a deixou?

ALDO

De barato já teríamos desembarcando na Lua.

DINA

Está vendo?...

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.

ALDO

Não estaríamos fazendo nada de normal, pode estar certa. Nada de lógico. Não se pode confiar em mim pra nada. (PAUSA) O que é que seu... marido...fazia?

DINA

(ENFRONHADAMENTE RESIGNADA) "Plásticos". Representação de plásticos.

ALDO

É o que é que ele era?

DINA

Era...como?

ALDO

Era... como gente.

DINA

Nunca pude descobrir.

ALDO

Está vendo!

DINA

Ele era assim uma espécie de... Previsível em tudo. Não atrasava um minuto para o jantar. Acordava. Fazia ginástica sueca du-

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1ª ato - pag. 20

rante vinte minutos, tomava banho, fazia a barba com navalha... Nunca usou gilete. Café com torradas, ôvo-dois minutos. Não esquecia aniversário. As pessoas da rua podiam acertar seus cronômetros pelo que êle fazia. A gente também podia adivinhar o que êle ia dizer em qualquer ocasião. Era sempre "meu bem", quando pedia algo. "Querida", quando queria exprimir o máximo de sua potência emocional. Bernardo, coitado!, teve uma infância muito difícil.

ALDO

Em menino eu só fazia coisas inesperadas. Costumava brincar com abelhas...

DINA

Brincar, como?

ALDO

Pousavam em meus braços e parece que adivinhavam que eu gostava delas e não me picavam. Ninguém conseguia entender por que. Eu abria os braços e me sentia, inundado de abelhas, assim, uma espécie de São Francisco de Assis dos Insetos.

DINA

E não mordiam mesmo?

ALDO

Mesmo. Eu separava cigarra que canta de cigarra que não canta. Em vez de soltar papagaio, amarrava um fio e soltava borboleta.

DINA

Borboleta?

ALDO

Colorida. Foi quando minha família me levou ao psiquiatra.

DINA

Lógico, não é?

ALDO

Lógico pra êles. Pra mim era lógico amar as abelhas.

DINA

E o médico?

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1º ato - pag.21

ALDO

A minha bruta sorte é que o psiquiatra, em menino, juntava caramujos. Nunca regulei direito. No fundo, quer saber?, foi bem melhor assim.

DINA

Assim, como?

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.

ALDO

Você ter casado com êsse...cronômetro plástico. Deve ser esplêndido ter um marido certo pelo meridiano de Greenwich. Em garoto eu sempre ria atrasado.

DINA

Atrasado...

ALDO

É que na hora em que me contavam a coisa divertida... minha mente ficava errando por bosques...montanhas...safaris... países exóticos. Só uma parte de mim prestava atenção. A pessoa acabava de contar, todo mundo ria...e eu só ia rir dois minutos depois, quando se estava falando num entêrro qualquer e me olhavam espantados, se entreolhando e exprimindo com o olhar: "Estão vendo como êsse menino é?"... É. Foi melhor assim.

DINA

Foi até esta manhã. O pior, Aldo, é que tudo estava perfeito, tudo estava tão bem, compreende?

ALDO

Tudo continua igual.

DINA

(AFLITA - RÁPIDA) Até hoje, de manhã, esta carta, pra todos efeitos, não existia pra mim. Meu marido já não vivia mais. Você estava longe... já em outra equação de vidas. Foi quando me ocorreu a maldita idéia de arrumar a estante.

ALDO

E a carta calu.

DINA

O pior de tudo é que eu podia ter embarcado tranquila amanhã pra Europa sem tomar conhecimento de nada. Quai foi essa força estranha que fez cair o livro?... Eu a abri sem saber que estava pegando numa bomba. Era como se fôsse uma velha conta ou um cartão de boas-festas. Ela estava camuflada de coisa inocente, cara de criança brincando de roda. E, de repente, explodiu. Acordou em mim coisas que nunca existiram.

ALDO

Então...

DINA

O terrível é que poderiam ter existido... se eu a tivesse lido na hora.

ALDO

Creio que, depois desses anos todos, essa...

DINA

(JUSTIFICANDO A FLITÍSSIMA) Quando você me entregou a carta... você era, apenas, um doido que tinha deixado um bilhete, possivelmente, tão doido quanto você. Se eu não estivesse procurando minha certidão de casamento, revirando a estante e tudo... você continuaria nem existindo na minha vida de viuva cronometrada. Eu já tinha começado a pensar em gastar a fortuna que Bernardo me deixou, em viagens programadas, com guias, folhetos de turismo, torre Eiffel, Arco do Triunfo, Cliseu, essas coisas. Entenda, por favor! Não quero unir com esparadrapo aquele momento, em que você se foi, com êste...

ALDO

Entendo..

DINA

Talvez nem queira você como é agora, Aldo. Mas, pra poder dormir tranquila, preciso saber o que teria acontecido se, em vez de deixar a carta dormindo na estante...eu tivesse...

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1ª ato - pag. 23

ALDO

Não se pode refazer emoções e momentos. Só na hora é que se sabe o que...

DINA

(DESPERADA) Mas deve haver um jeito! Eu nem poderia mais dormir se imaginasse que...

ALDO

Você nem pode saber se a reação que você imagina, agora, que sentiria naquele momento... seria a reação sentida, de verdade, naquele instante.

DINA

O pior de tudo é que, se você andasse burguêsmente, como todo mundo, por perto, fazendo o que todo mundo faz... a coisa não teria maiores consequências. Mas de você eu só ouvia as coisas mais distantes e estranhas. Você era uma lenda, o oposto, a antípoda do que se poderia esperar de qualquer ser humano.

ALDO

Faço da minha vida o que quero.

DINA

Mas aí é que está! Da minha eu nunca fiz o que quis. De repente descubro o vazio da vida segura e que eu poderia ter feito parte da lenda, em vez de ser a esposa amantíssima sem amor e fidelíssima, exemplar, estéril, seca por dentro, sonhando amores impossíveis e com medo deles ao mesmo tempo. Vazia... que mais você tem feito de sua vida?

ALDO

Amado.

DINA

Amado... como?

ALDO

Pra mim só há um amor. Tenho amado gente de todas as raças e de todos os credos. Quando não estou amando a uma determinada cria-

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1.º ato - pag.24

DINA

O mesmo Aldo de sempre!

ALDO

(DIVERTIDO) Todo mundo ficou chocado quando, no ano passado, apareci com uma negra em plena recepção de gala.

DINA

Você fez o quê?

ALDO

Juro que não tinha reparado na cor da moça. E se tivesse não faria a menor diferença. Pra mim ela podia ser azul, verde ou cor de abóbora. Foi um escândalo. Fui cortado da lista dos convidados. Foi aí que descobri que eu era racista; tinha uma predileção especial pela raça negra.

DINA

Li, também, que você esteve preso.

ALDO

Durou pouco. Não puderam me enquadrar...

DINA

É a carta?...

ALDO

Que carta?... Ah, sim!... Pra você a carta passou a existir hoje, não é mesmo?

DINA

Se eu tivesse sabido...

ALDO

Pra mim ela deixou de existir há oito anos. Pra ser sincero nem sei as tolices que escrevi nela. Não lembro mais. E na verdade não importa. Sempre fui como sou... Já disse que você casou com o homem certo. Eu, provavelmente, nem teria casado.

DINA

Mas a carta...

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1º ato - pag.25

ALDO

Naquele tempo essa carta devia ter algum sentido... Agora é uma exumação. É bom que você viaje, Dina. Uma viagem faria um enorme bem a você.

DINA

(INCRÉDULA E DESATENTADA) Acha mesmo?

ALDO

Ao redor do mundo.

DINA

Que mundo?

ALDO

(VIBRANTE) Não é esse mundo dos guias turísticos, cartazes de agências de viagens, Lido, Piccadilly, Via Veneto, Central Park ou Empire. Misture-se com pessoas, com seres vivos, entende?... Quando encontrar gente rindo, ria com eles sem perguntar o motivo, sem querer saber porque. Se estiverem chorando, chore com eles. Há sempre um motivo pra rir ou chorar. Há sempre uma carta fechada na vida de cada um... A carta que..se tivesse sido lida... O gesto que faltou... a coragem falhada... A ocasião perdida... Viage, Dina. Há gente fabulosa em todos os cantos da terra...

DINA

(TRISTONHA) Sem você...

ALDO

Você vai descobrir que cada povo tem seu canto e sua dança...

DINA

Seria lindo se você também...

ALDO

(NO AUGE DO ENTUSIASMO, COMO SE ESTIVESSE TENDO VISÕES) Bilhões de seres... Praias banhadas de luas de sonho... Mares desconhecidos... Milhares de criaturas esperando seu momento, amores latejando em cada poro de vida... (PAUSA) No fundo você me inspira inveja. Você ainda tem o mundo inteiro... a vida inteira por desco-

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1º ato - pag.26

DINA

E você?...

ALDO

Eu sou apenas um doido que caminha. (VAI SAINDO E PARA) Fique tranquila, Dina. Você casou com o homem certo. (PAUSA) E depois... você talvez não saiba de um pequeno detalhe:- aquela carta... ficou aqui por esquecimento...

DINA

(COM DOLORIDA SURPRESA) Ficou... o que?

ALDO

Por engano. A carta não era pra você.

Ela recua sofrendo. Ele sorri, tristemente, enquanto uma música ultraromântica invade o ambiente e ele vai se retirando lento. DINA como que estende o braço sem coragem de chamá-lo de volta e cai em pranto convulso.

Neste momento a música cessa, bruscamente, e os dois desarmam os personagens e ele volta furioso com a cena que acaba de representar e explode ao mesmo tempo, pegando de uma jarra e explodindo-a no chão:

ELE

Cheeeegal...

ELA

(AO NATURAL) Que é isso, Berto?

ELE

Que me obriguem a fazer novela... vá lá!

ELA

Ninguém obriga você...

ELE

(SEM OUVIR) Que me obriguem a aparecer naquela fotonovela cretina, vá lá!

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1ª ato - pag.27

ELA

Pagaram você a preço de ouro. Quem pediu foi você!

ELE

(SEM OUVIR) Posar pra capa de revista... dizer coisas imbecis na televisão... vá lá!...

ELA

Você faz porque quer.

ELE

Mas isso?! Esse pessoal está muito enganado comigo!

ELA

Eu, palavra de honra, não entendi essa sua explosão.

ELE

Como é que o cara quer que eu apresente essa coisa debilóide no programa desta noite? E logo de gala!

ELA

Você tem apresentado coisas piores.

ELE

Piores a avó dele!... Veja se isto entra na cabeça de alguém!
"A carta não era pra você!"

ELA

Legal às pampas.

ELE

"Deixa comigo!" "Vocês têm programa de televisão esta noite?"
"Eu preparo". Eu ainda duvidei, mas ele veio com aquela cara risonha muito cínica: "Vem cá, rapaz, eu já falhei a você alguma vez na vida?" E eu, burro!, estava na cara!, cansado de saber que o homem não faz outra coisa senão falhar na vida ainda digo: "É verdade. Manda a brasa!"...

ELA

Pois olhe que achei esse negócio de carta até bastante...

28
MPCU

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1ª ato - pag.28

ELE

Achou coisa nenhuma! Achou! Quem tem que achar sou eu!

ELA

Você está farto de saber que toda vez que não me ouve, se estrepa. Mandei contratar o outro, não mandei? Vá fazendo as suas loucuras. Vá procurar suas fans históricas... Vá!... Vá!

ELE

Já sei que toda pessoa que admira meu talento você chama de histórica. Espera pra ver só uma coisa. (DISCA O TELEFONE) "A carta não era pra você". Era pra avó d'êles. (AO FONE) Você? Sou eu... Eu, quem?! EUI... Você conhece algum outro EU?...

ELA

Fala com calma! Eu todo mundo é.

ELE

Foi essa porcaria de carta fechada que você desencavou pra me jogar, hoje, às feras?... E num programa de gala?

ELA

Não magoa o homem. O homem é seu amigo.

ELE

(A ELA) Amigo?... amigo meu não solta bomba na minha mão. Amigo! "Deixa comigo!" Deixei. Olha o resultado. (AO FONE) Sim... Não me vem com essa. A carta ficou oito anos na estante. E ninguém limpou a porcaria dessa estante êsse tempo todo?

ELA

O que é que êle está dizendo? Diz!

ELE

Está dizendo que limparam, mas a criada, com certeza, ao vêr a carta no livro, tornou a deixar a carta no lugar. (AO FONE) Sei. Aí a mulher descobre a carta...

ELA

O que é que êle está dizendo?

O FHCADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1º ato - pag.29

ELE

(A ELA) Quer calar a boca um instante? (INTERESSADO, AO FONE) Sim... Descobre a carta... lá... A carta nem era pra ela... você está querendo me explicar a peça, rapaz?... Não sou débil mental. Tenho curso superior. Sou professor de... Estou calmo... (BERRA) Mais calmo do que isso não é possível! (INTERESSADO) "O que eles teriam vivido se ela tivesse lido a carta". Até aí choveu no mar. O que eu quero? É que há um troco no meio disso que não está funcionando, entende. Tem uma coisa fora do lugar. A minha o que?!... (DIZ A ELA FURTIVO) Esse calhorda está dizendo que, se alguma coisa está falhando, só pode ser a minha interpretação.

ELA

Calma. O homem é seu amigo.

ELE

Amigo? Viva os inimigos!... (AO FONE) Sei, mas o negócio é pras 21 horas em ponto de hoje, entende? Com patrocínio de sabonete e tudo... Espuma, mulher nua no banho... suave momento de amor... carícia perfumada, aquele negócio todo. Você quer saber? Se eu fôsse telespectador diante dessa história da carta eu nunca, (está me ouvindo?) NUNCA MAIS comprava a porcaria daquele sabonete, entende?

ELA

Não bota o homem nervoso. Assim o homem não cria.

ELE

(A ELA) Cria? Esse cara não cria nem galinha... Cria! (AO FONE) ... Vamos com calma. Não estou nervoso, não. Não projete seus nervos em cima de mim, tá?

ELA

Isso, Com calma. Assim é que se fala. "Relax".

ELE

(A ELA) Não vai me ensinar, também como se fala, não é?... (AO FONE) Está certo. Vamos admitir que você tenha razão. Só quero saber uma coisa. O que é que dizia a droga daquela carta?... Que

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1ª ato - pag. 30

carta?... (A FLA, ALUCINADO) O homem escreveu o troço e está perguntando que carta? (AO PHONE) A carta que ficou oito anos no purgatório!... Mas como é que não interessa?... Deixar o público imaginar? (A FLA) O filho de uma grande cavalgada quer que eu deixe o público imaginar. (AO PHONE) Não, meu filho. Eu só quero saber o que você acha que a carta diz. Só quero saber se você, que é o autor, sabe o que diz a carta. Você quer que o público imagine. Eu quero saber o que é que você imagina? Quem é pago pra imaginar é você, meu filho. Pra mim já basta representar suas... Quer saber de uma coisa? Pra mim, chega. Você rasga a carta, bota a carta no correio, faz aviãozinho de papel... usa... a carta. Mas não solta essa carta comigo. Não registra essa droga pra mim! Chega! (DESLIGA VIOLENTO O TELEFONE) Calhorda! (ANDA FURIOSO).

ELA

E agora?

ELE

Agora o que?

ELA

O que é que nós vamos apresentar na TV?

ELE

Qualquer coisa... MENOS ISTO. ESSA cara pensa que eu preciso dele!

ELA

E não precisa?

ELE

Preciso. Mas ele não precisa saber que eu preciso dele, precisa? (TOCA O TELEFONE. ELE ATENDE) Alô... Como foi que você descobriu meu telefone se o número foi trocado hoje?... ah, sei...

ELA

Você já deu o telefone praquela mulherzinha outra vez!

ELE

(AO FONE) Foto... o que?... (A ELA) O Agenor dá três milhões pra gente posar pra uma fotonovela. (AO FONE) Agenor, respeita o gabarito, Agenor. Como é que não tem nada demais?... Não é subproduto não, Agenor. Eu não faço mais êsse troço. Chega! Como é o nome? "O AMOR IMPOSSÍVEL DE HELFNA". Agenor, não me fala em dinheiro que eu não sou venal, entende? (A ELA) O homem oferece cinco milhões. Topo?

ELA

Adianta eu dizer pra não topar?

ELE

Está bem, Agenor. Mas só essa vez. E vou censurar êsse negócio. Eu sei que existe a outra censura. Mas quero fazer a minha censura particular, pra não acontecer como daquela vez em que eu saí com o perfil do Moacir Franco. Está certo. Em cheque, Agenor. Em cheque. Eu não disse "Sheik", Agenor. Eu disse cheque. (DESLIGA). Você está vendo? Êsse pessoal vai acabar me corrompendo. Ah, vai!

ELA

Você não diz que tudo isso é provisório?

ELE

Êsse pessoal está muito enganado comigo. Eu quero fazer Brecht, Shakespeare... Arte é um troço sério. Não se prostitui. "Não se compra, não se vende, nasce e morre com a gente!"

ELA

Eu sei. Mas hoje... o nosso problema não é fazer Shakespeare. É a cena que temos de...

ELE

Está vendo? Já baixou o gabarito. Porque não Shakespeare, me explica?! Que é que você tem contra Otelo? (REPRESENTA GRANDILOQUENTE) Oh, minha Desdêmona! Antes de te matar, beijei-te...

ELA

Para com isso!

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1º ato - pag. 32

ELE

(PROSSEGUE NO MESMO TOM) "Que havia eu de fazer depois senão matar-me também e morrer abraçado a ti!"

ELA

Ben, se você acha que isso é hora de chatear com Otelo...

ELE

(REPRESENTANDO, GRANDILOQUENTE) Sai daí Foral

ELA

Que é isso?

ELE

(AINDA REPRESENTANDO) "Vai pintar teu medo de vermelho... Julgais que vou chorar!"

ELA

Berto, para com isso d'uma vez!

ELE

"Tenho mil motivos pra chorar... mas antes quero que meu coração se desfça em mil pedaços a verter uma só lágrima. Enlouqueço! Enlouqueço.

ELA

Doido você sempre foi...

ELE

O que é que você tem contra Lear, Macbeth, Otelo?

ELA

Quem não quer é o patrocinador, entende? NÃO QUER. Berto, será que você ainda não se convenceu de que é um ator romântico?

ELE

Quem disse?

ELA

Todo mundo.

ELE

Pronto. Por essas e por outras é que nosso teatro não vai pra frente. Você não acredita que eu seja capaz de interpretar um

... não é?

O que é que você quer de mim?

ELA

Não sou eu. É o programa. Você se não vai fazer "A carta fechada", praticamente, reduziu o programa a cacós...

ELE

Você me conhece! Posso fazer coisas populares. Cretinas, não. E sabe perfeitamente quanta gente está querendo ver minha caveira. Vão esperar sentados. Eles devem estar me confundindo com outra pessoa. Já pisei palco na América. Em inglês.

ELA

Não interessa.

ELE

Não interessa a você que é uma analfabeta... que em vez de mergulhar na cultura passou a vida toda fazendo curso de espera-marido.

ELA

Não interessa neste momento!

ELE

(ASSUME ATITUDE TEATRAL ENQUANTO MÚSICA ROMANA EM TROMPAS SE FAZ OUVIR). "Friends, Romans, country-man, lend me your ears".

ELA

Fala português!

ELE

(SEM LHE DAR OUVIDOS) "I come to bury Cesar, not to praise him. The evil that men do lives after them".

ELA

Bota legenda nisso ou para.

ELE

"Come I to speak to Cesar's funeral.

He was my friend, faithfull and just to me...

But Brutus says he was ambitious...

ELA

Quer parar com isso pelo amor de Deus?

ELE

(BERRA PRA ELA) "And Brutus is an honorable man". (NATURALMENTE)
Entende o que eu quero dizer? (TEATRAL ERGUENDO OS BRAÇOS) Até
quando, meu Deus?! Até quando?

ELA

(BERRA) O que é que nós vamos fazer no programa desta noite.

ELE

Tudo menos a carta fechada, é óbvio.

ELA

O que, por exemplo?

ELE

Prefiro até aquela história da mulher adoidada que vai viajar.

ELA

Você só esquece de um pequeno detalhe. A mulher tem uma filha
de dezoito anos.

ELE

E que tem isso? É crime?

ELA

Olhe bem pra mim! Por acaso eu tenho cara de quem tem filha de
dezoito anos?...

ELE

Mata-se a filha. Pronto!

ELA

Sem a filha a peça não tem razão de ser. A história toda desmorona.

ELE

Minha filha. Você é uma atriz!... O país inteiro adora você!
(CHANTAGE EMOCIONAL) Você, com o seu talento, faz qualquer papel.
Ou não faz?

ELA

Vou parecer sua mãe. Suas fans vão adorar me vendo de velha.

ÊLE

Afinal de contas uma mulher que tem uma filha de dezotto anos não é uma velha, não precisa ser uma velha... e se fôr você vai ser a velha mais linda que jamais apareceu numa tela de televisão.

Toca o telefone. ELA atende.

ELA

Aiô!

ÊLE

(FAZENDO SINAIS) Eu não estou, hem? Eu não estou.

ELA

(TAPANDO O FONE E DIZENDO BAIXO A ÊLE) É uma entrevista pra TV de Recife.

ÊLE

Eu-não-estou.

ELA

Dois milhões e meio...

ÊLE

Ninguém me compra, minha filha. Eu já disse que ninguém me compra. Você me considera venal!

ELA

... por dez minutos de conversa.

ÊLE

(PEGA DO FONE - AFLITO) Alô! Bandeira?... Claro que pra você eu estou! Quem foi que deu meu nôvo telefone a você?...

ELA

Só pode ser a tua...

ÊLE

Sêi. Bandeira, só mesmo você me convencia, hem? Na base da amizade. Em cheque, Bandeira. Não é sheik, Bandeira. É cheque. Outro pra você. (DESLIGA) Tudo isto é provisório. A gente vai arrumar a vida e depois... só grande teatro.

ELA

Bem, agora eu acho que chega, não é, Berto. Agora quem diz basta sou eu!

ELE

Chega... o que?

ELA

Até agora deixei que você aceitasse tudo, desde sorrir em anúncio de geladeira a pasta de dentes até se exibir em festa de granfino.

ELE

Quem quer não sou eu!

ELA

Daqui a pouco não vai sobrar mais nada de você. De nós. Vivemos tantos personagens, estamos sempre em função de ensaios, de fotos, de filmes, de tanta coisa, que nós nunca mais tivemos tempo de sermos nós mesmos. Não temos mais um momento de intimidade. Aniversário, agora, é num grande auditório com dez mil espectadores cantando "parabéns pra você". Você beija e abraça todo mundo e eu fico num canto olhando como uma idiota. Você pertence a todo mundo menos a mim.

ELE

Mas se isso, exatamente, acontece com você também E você está cansada de saber que você é a única.

ELA

Estou cansada de saber que tôdas são únicas pra você. Sua vida é toda feita de mulheres únicas. Uma, mais uma, mais uma, mais uma, mais uma! Não foi pra isso que eu...amei você, entende? Não foi pra isso que eu deixei tudo por você.

ELE

Nossas vidas não são nossas, meu bem. Afinal de contas temos deveres diante de nosso público.

ELA

Nós temos deveres diante de nossas vidas. Nossa vida virou um

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

1ª ato - pag. 37

sorteio de prendas... Não quero o dinheiro pelo dinheiro. Eu quero que nossa vida signifique alguma coisa para nós mesmos e para os outros. Quero você, entende? O que você é! Um dia... quando formos bem velhos... entende?, eu quero estar perto de você... sempre.. sempre.. sempre... sem correrias, sem sustos, sem medo. Nós dois!

ELE

Repete o que você disse.

ELA

Quero que sua velhice seja minha, só minha...

ELE

(AFLITO - FELIZ) Continua!

ELA

Sua velhice será minha! Só minha! Sem ódios, sem receios, sem rancores... eu gostaria que os anos passassem num dia, num minuto... E então...

ELE

Achei! Minha filha, está resolvido!

ELA

O que?

ELE

O nosso programa desta noite!

ELA

O nosso... o que?! Eu estou berrando o que sinto e você está pensando no programa desta noite!

ELE

Mas você está representando!

ELA

Eu?!?

ELE

Sim. Claro que está! Aquela peça de dois personagens.

ELA

É mentira! Eu!

ELF

"Tu gostaria que os anos passassem num dia, num minuto... "Lembra? Nós já representamos isso centenas de vezes!

ELA

(COMEÇA A RIR TRISTEMENTE. RI TREMENDAMENTE, OS DOIS RIFM. DE REPENTE ELA PARA E DIZ). É verdade! Mas parece incrível que eu...

ELF

Tudo resolvido. Podemos começar.

ELF assume uma posição de estátua de perfil e ela começa.

ELA

Meus senhores! Senhoras. Este aqui é o meu marido. Um belo homem conforme vêem. (A UMA ESPECTADORA) A senhora não acha? Saudável, (MOSTRA-LHE OS DENTES COMO SE MOSTRASSE OS DENTES DE UM CAVALO), trinta dentes, (BATE-LHE NO ABDOME), sem banhas excessivas e funcionando perfeitamente com certificado de garantia. Anda, respira, come, bebe e fala. Para que um homem como ele goste de uma criatura como eu, é necessário, antes de mais nada, cultivar-lhe o orgulho como quem cultiva orquídeas. Cultivar-lhe a vaidade com chuva apropriada, sol apropriado, tudo no seu devido momento. Ele olha tanto para dentro de sua imensa vaidade, que não me vê. Por isso ainda não descobriu que eu sou tão feia. Bom, não é?...

ELF

Você está representando sem sentir. Bota alma nisso.

ELA

(CONTINUA) "Vocês, naturalmente, ainda não compreenderam porque ele está assim, como que hipnotizado. Qualquer mulher é capaz de fazer isso com qualquer homem. Não é verdade, madame? O homem, nas mãos de uma mulher, é um marionete, um fantoche, um boneco de dar corda. E nas mãos de uma mulher inteligente! Oh, nas mãos de uma mulher inteligente!..."

ELE

Você tem que dizer êsse negócio mostrando ao público que você é uma mulher inteligente, com um Q.I., pelo menos de 130, capaz de controlar um cara fabuloso como eu.

ELA

(AO NATURAL) É o que é que eu estou fazendo?

ELE

Bota inteligência nisso!

ELA

(EXPLICA RÁPIDAMENTE, AO NATURAL) Bom, aí vem tôdas aquelas cenas de que a gente já sabe direito. A mulher feia, querendo controlar o homem bonito, com astúcia, artimanha etc..etc..etc.. Ela ameaça, veladamente... mostrando que há gente que telefona sobre o tipo de negócios excusos que êle realiza... até o momento da explosão d'êle diante da impassibilidade dela.

ELE

(REPRESENTANDO AOS BERRROS) Mas você não vai protestar, não vai gritar, não vai dizer nada?

ELA

Você me julga igual a essas mulheres ridículas que você conhece?

ELE

(FULO) Pois eu quero que você seja ridícula!

ELA

(AO NATURAL) Mais inflexão nisso, rapaz!

ELE

(DESSESPERADO) "Pois eu quero que você seja ridícula! Quero que você seja igual a elas. Você me encurrala dentro de sua amabilidade, dentro de sua tolerância e não me deixa respirar. Você não pôde estar de acôrdo com a minha ida a São Paulo. Qualquer mulher normal protestaria.

ELA

(A ESTÁTUA DA PLACIDÊZ) Eu não sou uma mulher qualquer.

ELE

Qualquer mulher gritaria, faria escândalo, proibiria.

ELA

Eu não sei fazer escândalo.

ELE

(NO AUGU DO DESESPRO) Mas você não pode estar aí, parada, fazendo esta cara idiota! Você não pode estar sentindo o que finge que está sentindo. É impossível que você não grite, não proteste!

ELA

Eu não estou fingindo nada.

ELE

(COM RAIVA) Está! Eu sei que está! Você tem vontade de explodir, de gritar, de acabar com essas minhas viagens, mas tem medo. Medo de brigar, medo de criar uma situação que me faça deixar esta casa para sempre.

ELA

(TRANQUILA) As portas estão abertas.

ELE

(EXALTADO) As portas estão abertas, mas eu não posso sair por elas. Com que pretexto? Que é que você tem contra as outras mulheres? Que é que você tem contra a vida?

ELA

Não tenho nada contra ninguém.

ELE

Então não fique me perseguindo, não fique me torturando, me controlando, fingindo que não me controla e que não me persegue.

ELA

(AO NATURAL) Isto é da peça?

ELE

Claro que é da peça. O que é que você está pensando?

ELA

É que isso está soando muito você mesmo. O que você vive me di-

41
Mau

ELE

(REPRESENTANDO) "Afiml, de que é feita a nossa vida?"

ELA

(AO NATURAL) Você está perguntando ou representando?

ELE

Que é que você acha, hem?

ELA

(REPRESENTANDO) "Nossa vida? Nossa vida é feita de nosso amor."

ELE

"Amor?... Que amor?!... Um dia nos encontramos e você me venceu com os seus argumentos. Sua argumentação está sempre certa. Seus sentimentos é que não estão."

ELA

Então o que é amor?

ELE

Eu sei o que é amor pra mim. Mas também já sei que você vai provar que amor é aquilo que você quer que ele seja e vai me convencer de que é exatamente isso que eu sinto por você.

ELA

(AO PÚBLICO) Vocês estão vendo, não estão? Nada em comum. Dois enxadristas. Uma ótima jogadora como eu e um péssimo jogador como ele. Sem nada. Sem fé. Sem esperança. Eu poderia renunciar a tudo. Mas não. Agora isso irá até o fim. Também sou gente! Também tive um coração terno e doce que foi espesinhado. Também sonhei com tudo que as outras mulheres sonham, não sonhei? Com tudo. As gatas são donas do mundo, com seus "pancakes", seus vestidos colantes, suas curvas, seu sexo. Elas tomaram conta do amor. Mas consegui mais do que todas. Todas as gatas andaram tentando envolvê-lo e eu o consegui para mim, só para mim. Agora só espero uma coisa, só anseio uma coisa, com toda a minha alma, com todo o meu coração: Eu quero envelhecer depressa. (MÚSICA NOVELSCA). A velhice será a paz, a tranquilidade, o sossego defini-

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch
1º ato - pag.42

tivo, quase a felicidade, a libertação desses sustos permanentes, dessas angústias sem fim. A vitória será minha, só minha. Sem sustos, sem temores, sem ódios, sem receios, sem rancores. Eu gostaria que os anos passassem num dia, num minuto. E então ele será meu, definitivamente meu. Para sempre... Para sempre. (COM ANGÚSTIA E TRANTO DESSESPERADO) Para SEMPRE (CAI AJORRADA CHORANDO ABRACADA A SEUS PÉS).

(CRESES A MÚSICA).

Fim do Primeiro Ato

O PECADO IMORTAL

de

Pedro Bloch

2º ATO

44
Mau

Mesmo cenário. É noite. Comeca o ato com a projeção de uma dezena de "slides" coloridos, no escuro. Os "slides" representam cenas de uma fotonovela intitulada "O Amor impossível de Helena".

(Vamos descrever os "slides") Fique bem claro, porém, que a intenção do autor não é contar o enredo nos "slides", mas, antes, intrigar o público.

- 1) - Aparece HELENA (ELA com um rosto muito expressivo) e a legenda "O AMOR IMPOSSIVEL DE HELENA".
- 2) - A seguir aparece um "rosto sinistro" e HELENA numa expressão de pavor diante dele que lhe quer entregar um pequeno pacote branco. "CUIDADO COM ISTO, GAROTA!"
- 3) - HELENA conhece FERNANDO e ele se apaixona. "Enlêvo."
- 4) - Surge de repente a "noiva de FERNANDO, de Buenos Aires. E panto de HELENA! Oh! Que horror! "SUA NOIVA?!"
- 5) - HELENA se sente mal. Está grávida. Vai desmaiar. É amparada.
- 6) - Casamento de FERNANDO com CARMEN.
- 7) - HELENA está lendo um telegrama, "despida" de bailarina, cercada de colegas que a vêem chorando e se cotizam, estendendo dinheiro para ela. "MINHA VIRGEM SANTÍSSIMA!"
- 8) - Helena mais tarde aparece em Buenos Aires ao lado de sua filha paralítica doente. "DOUTOR, DIGA, PELO AMOR DE DEUS, QUE ELA VIVERÁ!"

- 9) - Apela para FERNANDO que a expulsa. Já está casado. Mostra-lhe que já tem quatro filhos.
- 10) - HELENA se despede da filha já curada que não sabe que ela é a mãe, abraçando-a chorando.
- 11) - HELENA volta para a vida de cabaré, de cigarro aceso, cercada de colegas e o vulto sinistro de CARLOS.
- 12) - Enquanto ela renuncia a tudo, FERNANDO, com sua esposa e quatro filhos está feliz...
- 13) - HELENA chora sua desdita solitária, na praia... voltando à sua vida de mulher que caiu para salvar a filha.

A esta altura se ouve no escuro um berro de ELE e as luzas se acendem bruscamente. ELA estava projetando os "slides" e desliga o projetor diante do brado:

ELE

Chaseeeega!...

ELA

Que sustoi

ELE

Então é isso o tal de "Amor Impossível de Helena?" (COM ASCO E MAIS ALTO) Isso?

ELA

Não, Berto. Isto foi só pra você vêr a qualidade fotográfica da fotonovela que vai sair ao mesmo tempo que a novela da TV.

46
M. Blech

ELE

Mas o que é que essa gente pensa? Você já viu em toda sua vida, enredo mais cretino e ridículo?

ELA

Não vejo nada demais!

ELE

Ah, você não vê nada demais!... Helena, você, é uma pobre modelo que é seduzida por mim, tem uma filha que eu abandono, você é expulsa da casa dos pais como filha indigna, no mais sórdido estílo de folhetim.

ELA

E qual é a novidade?

ELE

Mas aí é que está. Não tem novidade nenhuma. Porque essa gente não me bota pra fazer o papel de um homem normal, um homem como os outros?

ELA

É que você não é um homem normal.

ELE

Como é o negócio?!

ELA

Não tive segunda intenções. Você... não é... um homem.. como os outros. É galã de novela, pronto.

ELE

Mas até isso devia ter um limite. Veja se alguém concebe um troço desses. Você, pra poder sustentar sua filha que é criada por um casal de velhos de Buenos Aires que caíram do céu de repente, vende seu corpo, se joga nos braços da chamada vida fácil.

ELA

Acontece.

ELE

Ah, mas aí é que está. Se o miserável do autor se contentasse com isso, vá lá.. Horrível, mas vá lá. Não. Sua filha não sabe

ELA

Não.

ELE

Chave de todo dramalhão barato. Eu, caso com outra mulher, a minha noiva argentina e, quando você me procura, pedindo ajuda para a minha filha que já está a esta altura paralítica, eu, casado, feliz, com mulher e quatro filhos, boto você no olho da rua.

ELA

Enrêdo, Berto. Enrêdo.

ELE

Que enrêdo?... Burrice pura! E depois eu não sabia que havia ente pacente nessa história, outra vez.

ELA

Como é que não sabia? Não falaram a você que havia heroína?

ELE

Eu pensei que a heroína fosse você, a estrêla. E de onde surgiu o casal de velhos que cria a nossa filha? A filha que eu abandonei e que é sustentada por você e suas companheiras de cabaré!

ELA

Ainda não está pronto o capítulo. Depois êle explica.

ELE

Aquels débil mental? Explica nada. O homem não sabe nem o que contém a carta fechada... E onde é que eu entro nessa história? Você viu em que altura? E o rabiscador dêste troço me faz agrimensor. Eu já disse que só apareço agora fazendo engenheiro eletrônico. E, depois, você viu, não viu?

ELA

O que foi que eu vi? A única coisa gritante, até agora - é você.

ELE

Mas é transparente, claro, óbvio, gritante. Querem me botar de canalha diante do público. Perco o prestígio diante dos fans e desgraço você, que fica de simpática, de coitadinha, diante da humanidade inteira.

48
Frou

ELA

Não é bem assim.

ELE

Não é bem assim uma pinola! Estou mais sujo aí, diante do público que o homem do entorpecente... da heroína. Eis, pelo menos, é um homem que já vive na lama. Agora, eu, engenheiro eletrônico, inteligente, rico, de cultura... o que é que eu estou fazendo, enquanto a pobre Helena passava sua desgraça diante de milhões de espectadores? Sofrendo? Não. Gozando a doce vida. E depois, pelo amor de Deus, quando a sua filha paralítica...

ELA

Nossa!

ELE

... estiver delirando de febre, não me venha com aquela chorradeira de "Doutor, o senhor me dá esperança? Salve, minha filha! Minha Virgem Santíssima, ajudai-me! "Eu só quero saber porque é que eu, o herói da novela, devo abandonar você, casar com outra, ter três filhos...

ELA

(CORRIGE) Quatro...

ELE

... e fazer um papel cachorro dessas. O homem me odeia! Vai ter que mudar tudo. Vai ver que a orápula nem me botou pra visitar minha filha doente.

ELA

De fato. Ele achou...

ELE

O autor dessa porcaria deve amar você, minha filha. Freud explica isso perfeitamente. Quer me derrubar, me desfazer diante dos olhos de todo mundo. Esse cara me odeia. (LIGA O TELEFONE FURIOSO)

ELA

(ENQUANTO ELE DISCA) O que é que você vai dizer a ele?

ELE

Espera só pra ouvir.

ELA

Cuidado com as explosões. Depois você se arrepende e...

ELE

(AO FONE) Você?!... Se eu gostei o que?... (A ELA) Esta zebra está me perguntando se eu gostei!... Agora! Achei ótimo!... Fabuloso!... Você devia vender isso pros Estados Unidos. Você fica rico, faz a sua independência. EU? Eu fazer isso? Você está doendo! (IRÔNICO) Não tenho o direito de roubar você, explorar o seu talento. Seu lugar é Nova York... Hollywood...

ELA

Para com as ironias.

ELE

(AO FONE) Não. Não é ironia!... É meningite!... Eu só queria que você me explicasse uma coisa! Não me bota o público pra imaginar... Você!... Quem vai explicar é você...

ELA

Calma, Barto. Com calma...

ELE

(PRA ELA) Estou mais calmo que uma tonelada de Equanil. (AO FONE) Porque é que você faz tanta questão de me fazer de canalha nessa sua história de porta de engraxata?... Elas gostam, é?... Só se for a sua mulher porque a minha... não gosta, nem de apanhar, nem de canalhas... Você precisa baixar o nível da novela por causa do público?... Sua besta, fique sabendo que o público é mais inteligente do que eu e você juntos. Mesmo os analfabetos, entendeu?... Você não faz ninguém chorar nem descascando cebola. Eles não choram com pena de Helena. Choram com pena do autor!... Entendeu?... Tua mãe deve ter dado um mau passo deixando você nascer. Mas eu compreendo. Naquele tempo essas pílulas não existiam... (DESALIGA)

ELA

Você não pode fazer isso com o... O homem é seu amigo.

ELE

Viva os inimigos. É como se me desse um tiro cu facada. Me odia. E, pelo jeito, estou vendo que você, até você, Brutus, também quer me derrubar.

ELA

É o cúmulo, não é, Barto?

ELE

Alguém já pensou em dar um papel decente?

ELA

Como é que não pensou?

ELE

Quem?

ELA

O papel de cinema que você recusou!

ELE

Aquilo era papel?... Você tem a coragem de chamar àquela lixo de papel?!...

ELA

Era o principal, não era?

ELE

Mas você está doida ou o que? Lembra? A fórmula de sempre. Mocinho ama mocinha. A certa altura a mocinha pensa que o mocinho fez uma sujeira qualquer e se afasta. Depois descobre que não fez. Reconciliação. Todo mundo casa. Marcha Nupcial e show de buats. Alguém já pensou em me dar um papel decente? Espadachins imbecis, piratas de costeletas, conquistador barato de centenas de criaturas... É tudo na base do "Amor impossível de Helena". Prefixo musical. Sabonete... Pasta de dentes... É aquela mesma pasmacidra: O casal romântico, nós... Uma catarata de obstáculos se despenca do sobre as nossas cabeças... pra impedir nossa união... O homem

51
Melly

mau que fica fazendo caretas o tempo todo e no fim de cada capítulo o mesmo suspense que não suspende coisa nenhuma: "Quem matou Diana foi...foi..." E o homem morre. Todo mundo sabe quem matou Diana, todo mundo está cansado de saber quem matou Diana; ou por outra: - ninguém mais quer saber quem matou Diana, menos o idiota do herói da novela que sou eu. Ou então...

ELA

Barto...

ELE

Espera! A câmara pega um "close" e você, de olhos esbugalhados, não crê, não pode acreditar no horror do que seus olhos vêem: "Meu Deus!... Você é o "GATO"? Impossível!... Mas então... "Prefixo musical. E estica novela... E estica mais... E estica a paciência e eu que aguente! A mim elas não pegam noutra.

ELA paga de um script jogado e se aproxima dela no momento em que vão representá-lo lendo.

ELE

Juro que você, agora, vai me dar razão. Aqui está o capítulo do "Anor Impossível de Helena", o pedaço em que você vem me procurar em minha casa, em Buenos Aires, e sua filha paralítica está ardendo em febre... Filha que também é minha...

ELA

Muito bem.

ELE

Muito bem, uma pinoia. A esta altura já estou casado e com quatro filhos. Pode começar.

ELA

(HELENA) "Fernando...

ELE

(FERNANDO) "Você?... Quem deixou você entrar nesta casa?..."

ELA

"Nossa filha... Fernando. Nossa filha..."

52
APRIL

ELE

Não tenho filha bastarda... Filhos meus carregam em seu nome o Saavedra Pinel de Salamanca.

ELA

Ela não tem culpa, Fernando!... Ninguém melhor do que você sabe que eu só me deixei levar pelas suas palavras, suas promessas, seus juramentos de amor...

ELE

A juventude... Ninguém paga os pecados passados...

ELA

Não paga... quando esses pecados não resultam numa pobre e inocente criaturinha, sem pai e sem mãe... delirando num catre... e gritando por um pai que nunca teve e por uma mãe que jamais conheceu. Oh, Virgem Santíssima!... A pobrezinha não tem culpa!

ELE

(AO NATURAL) Claro que ela não tem culpa: O culpado sou eu que mando contratar essa cavalgada pra escrever novela! Em qualquer canto do mundo o cara estuda, sua, se esforça, discute, refaz. Aqui não. "Deixa comigo. Na hora sai!" Na hora sai mesmo é essa porcaria. Decididamente não, não e não. Mesmo em ficção eu quero ser gente e não uma caricatura.

ELA

Mas essa crise só deu em você agora.

ELE

Sempre.

ELA

Você nunca foi metido a intelectual a esse ponto. Só porque você acabou de fazer uma novela em que era um cientista e exigia o máximo de todo mundo... não é razão para você estourar os nervos do homem.

53
F. S. S. S.

ELE

Fica com pena d'êla. Fica. Solta a bomba na minha mão!

ELA

Sinceramente, eu não sei o que você queria...

ELE

Ainda pergunta!!

"Chove. Que fiz eu da vida?

Fiz o que ela fez de mim". Texto. Poesia. Coisa decente.

"Mas eu de ter tanta alma

Nem sei mais qual é a minha".

ELA

Você podia deixar o Fernando Pessoa em paz ou então decorar direto as palavras do homem...

ELE

Vivo representando tanta gente, tantas almas, que nunca tenho tempo de ser eu mesmo.

ELA

Culpa de quem, Barto?

ELE

Mau bem, pelo amor de Deus! Vamos largar tudo. Não é tarde demais. Juro! Vamos pra longe... Vamos para um lugar onde nós dois sejamos uma coisa só. Onde ninguém nos conheça. Onde a lua seja nossa, o sol seja nosso... A vida... A vida seja nossa. Eu sou o mais anônimo do mundo! Tenho o direito a todas as emoções menos as minhas, a todos os nomes menos ao meu.

ELA

Barto, você está falando a sério?

ELE

Se eu estou falando a sério? Está vendo? Nem você própria acredita mais em mim! (ABRAÇA A FERVOROSO) Você precisa me ajudar... Eu sei que é difícil renunciar a tudo mas é preciso, entende? É preciso. Senão vou ser tudo o que todos querem que eu seja... menos pouco que eu quero ser.

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

2º ato - pag. 54

ELA

(AFASTA-O, BRUSCAMENTE, PREGANDO-LHE UM BOWETÃO NA CARA) Canalha, ouviu?! CANALHA!

ELE

(SEM COMPREENDER) Isto é sério? Ou você está representando?

ELA

(INDIGNADA) Quem está representando é você, Berto.

ELE

Eui Mas se nunca fui tão...

ELA

Você está dizendo o texto da novela "Ainda existe o paraíso".

ELE

Pois é isto exatamente que eu quero que você entenda! Eu quero, eu preciso parar com isso! Nós já nos perdemos tanto dentro de nós mesmos que já não pensamos... decoramos; já não sentimos... repetimos; já nem rezamos... assinamos contratos, vivemos tão desorientados que precisamos de bússolas pra chegar ao nosso próprio coração...

ELA

Eu sei. E o mais grave não é isso! Você lembra da novela "O Imitador"? O homem imitava tanto as vozes dos outros que, um dia, amanheceu sem poder emitir a própria voz. Lembrava-se da voz de todo mundo, menos da sua...

ELE

(COM IRONIA AMARGA) Se eu lembro do "Imitador"!

ELA

Há muito, Berto, que eu já não ouço a sua voz de verdade.

ELE

E o que é que eu estou dizendo o tempo todo? Por que é que esses rabiscadores de novelas pensam que estão escrevendo pra analfabetos?... Ninguém faz o público de imbecil, Naná.

ELA

E ainda há outro detalhe!

ÊLE

Outro...

ELA

Isto está interferindo, de tal maneira, em nossa vida, que-quando
você me abraça-eu já não tenho mais certeza se você está me be-
ijando a mim, me amando a mim, ou a "Teresa Maria", de "Perdão,
por te amar tanto" ou a "Isadora" de "A perdida dos mares do sul".

ÊLE

Você tem a coragem de imaginar que...

ELA

Tenho! Outro dia, no auge do amor, que devia ser verdadeiro, sem
ensaios, sem câmeras, sem refletores, sem microfones... você me
chamou de "Teresa Maria".

ÊLE

Está vendo? Ótimo! Eu chamei você, ao menos, por um nome de per-
sonagem de ficção que você representava. É a mim que você chamou
ante-ontem de Alfredo!

ELA

Eu?!

ÊLE

Nunca representei nenhum Alfredo em toda a minha vida.

ELA

Deixa de ser tolo! Foi pra me vingar do seu "Teresa Maria".

Toga telefone.

ÊLE

(FAZENDO-LHE SINAIS) Tu não estou, hem? Eu não estou.

ELA

(ATENDENDO) Alô?! Sim, senhora. Ah, sim, recebi. Ele grava, sim.

ÊLE

Gravo coisa nenhuma!

ELA

(AO FONE) Grava. A senhora pode vir apanhar amanhã de tarde. Dei-
xo na portaria. Não, senhorita. Não precisa subir. Na por-ta-ri-a.

5-6
7/11/2011

ELE

Que portaria é essa?

ELA

A jornalista que quisou a lista de perguntas pra você responder no gravador dela. Está aqui... (ELA LIGA O GRAVADOR):

ELE

Mas você não podia me safar dessa? Pelo menos dessa! Você, também, não serve pra nada, hein!

ELA

Muito obrigada.

ELE

Quero dizer: não serve pra mentir. Tudo que eu digo, agora, você toma a mal!

ELA

(PEGA DAS PERGUNTAS DA MOÇA) "Seu nome completo?"

ELE

Meu o que? (PERCEBE QUE É O QUESTIONÁRIO) Ah, sim! Frederodes Marcolino.

ELA

Para de brincadeira!

ELE

Todo mundo está cansado de saber meu nome completo. Por que é que só mandam cretinos me entrevistar?

ELA

"Qual é o seu cigarro favorito?"

ELE

Não vai querer que eu faça, de graça, propaganda de cigarro, não é? Bota: "fumo qualquer marca, mas vou deixar de fumar, porque o fumo dá câncer."

ELA

Isso eles não publicam, senão perdem o anúncio do cigarro da capa

ÊLE

Mae é a minha respecta. Problema dêles!

ELA

"Qual é o grande amor de sua vida?"

ÊLE

("VINGANDO-SE") Minha mãe.

ELA

Muito obrigada, hem?

ÊLE

Você é a grande paixão da minha vida. Minha mãe é o amor. Está vendo? Pergunta cretina... resposta imbecil.

ELA

"Já chorou?"

ÊLE

Já. Ao receber o seu questionário. (PAUSA) De raiva.

ELA

Não brinca assim com a moça.

ÊLE

Quem aguenta um questionário desses?

ELA

Você não pode estragar a imagem que fazem de você. Pros seus fans você está sempre em clima romântico, não tem nunca dor de dentes, vive um amor impossível e um mistério terrível... você não quis ser ator? Aguenta.

ÊLE

Não tenho nada com o meu personagem. Ele lá e eu aqui. Me fazem com video-tape, um Frankenstein de fita. Eles gostam do personagem? Agora aguentem. Porque eu, pessoa, sou assim mesmo: chat, ranheta, birrento, comum, vulgar, isto que você está vendo, que você conhece.

ELA

Mas é só desse que eu gosto. É este que eu quero pra mim.

ÊLE

EIA

Absoluta.

ELE

Obrigado, meu bem. Eu precisava, loucamente, de alguém que gostasse de mim. Mas de mim mesmo!

ELA

(PROSSIGUE COM O QUESTIONÁRIO) "Qual é a sua religião?"

ELE

(INDIGNADO) "Testemunha de Jeová."

ELA

"Que é que você pensa da bomba atômica?"

ELE

Proxima.

ELA

Só isso?

ELE

Nagasaki. (BERTA) Só isso? Será possível que você não compreenda que é "tudo isso"?

ELA

Não precisa gritar. Foi só uma pergunta. De repente "eu pergunto a você a capital do Paquistão" e você engasga. "Qual foi a maior emoção de sua vida"?

ELE

Nascer. E a maior burrice também!

ELA

"Qual é o seu vício predileto?"

ELE

"Viver". Agora chega, não é?

ELA

A última. "Na sua opinião qual é o maior pecado mortal?"

ELE

"Perguntar". E chega, mesmo!

ELA

Enchurrado o assunto. Você lembrou de pedir à sua secretária para expedir os retratos autografados?

ELE

Mas até isso eu tenho que lembrar?! Até isso? Está vendo? Não conto com ninguém pra nada.

ELA

Não, querido. Até isso, não. Tomei todas as providências de tudo. Esta foi a única coisa que pedi que you fizesse.

ELE

Você acha que eu tenho cabeça pra autografar retratos?

ELA

Quem autografa pra você é ela. Você está cansado de saber.

ELE

Mais alguma coisa?

ELA

O Valim veio com uma proposta de cinema.

ELE

Pois, sim!

ELA

Duas outras Televisões querem você quando acabar o contrato. Quatro propostas de novo casamento.

ELE

Hoje?

ELA

Durante a semana. Viuva milionária e tudo.

ELE

Espera aí. Mas no mês passado foram doze.

ELA

Acontece.

ELE

Não devia acontecer. O Gondim não está cuidando da minha promoção. Que mais?

ELA

A moça a quem você prometeu arranjar um papel na próxima novela.

ELE

Fu prometi?

ELA

Prometeu. Você tem a mania de prometer tudo a todo mundo!

ELE

Deixa pra depois.

ELA

Mas a moça vem...

ELE

Eu prometo que resolvo. Palavra! Depois... (REPRESENTA GRANDILOQUENTE) "E queres que te chamem homem, ó tu, o mais malvado e filho de malvados. Um frígio roubou tua esposa, que abandonaste num palácio sem servos que o guardasse, como se nêle tivesses um mulher casta e não a pior de tôdas. Nem que queira pode ser honesta nenhuma donzela espartana acostumada a sair de casa e a tomar parte de nádegas nuas e solta túnica nas carreiras e palestras dos jovens"...

ELA

Eurípedes, não, pelo amor de Deus!

ELE

(PROSSEGUE SEM OUVIR) ... muitos bastardos são melhores que os filhos legítimos. Mas leva tua filha. Melhor é para os homens amar um genro pobre e honrado que a um criminoso e rico e tu nada vales". Que tal?

ELA

Chato de doer!

*61
Muller*

O PECADO IMORTAL-de P. Bloch

2º ato-pag. 61

ELE

É Eurípedes.

ELA

É ~~KKKKK~~ chato. Os gregos também podem ser chatos. Não é privilégio nacional. Bem, agora, que você, já descarregou o seu Eurípedezinho... desçamos à realidade de "Amor Impossível de Helena".

ELE

Não! Eu não jurei que nunca mais eu...

ELA

Jurou... e duas horas depois assinou o contrato. Vai sair em 180 capítulos de novela de TV e em fotonovela colorida para revistas.

ELE

(RIDICULAMENTE DRAMÁTICO) Não é possível! Oh, meu Deus! Diz que não é verdade!

ELA

Como é que eu vou dizer que não é verdade, se VOCÊ mesmo posou ~~KKK~~ pras fotografias!

ELE

(AINDA DRAMÁTICO) E o que é que você quer de mim? O que é que todos vocês querem de mim, agora?

ELA

(TRANQUILA) É que o contrato diz que você deve aprovar as fotos.

ELE

Aprovar?! Eu não quero nem ver!

ELA

Não quer, é? Você já esqueceu do escândalo que fez quando publicaram aquela foto em que você aparece com uma papada desta idade?

ELE

Mentira! Não tenho papadas. Nunca tive.

ELA

Mas a foto tinha.

ELE

Pode ligar pra TV e dizer que não contem mais comigo! Acabou!
Desta vez, acabou!

ELA

Barto, você está doido, não é?

ELE

Chega! Basta! Tudo tem um limite! Não vou ficar fazendo papel
de desencaminhador de donzelas a vida toda.

ELA

Claro que não.

ELE

Um dia ainda vou fazer o teatro que eu quero; Ionesco,
Brecht, Durrenmatt, Beckett.

ELA

"As mãos de Eurídice"!

ELE

Que mãos de Eurídice. Estou falando de Teatro com "T" grande.

ELA

Pois olhe que... Minha mãe! Esqueci!

ELE

Não é novidade!

ELA

Telefonaram da TV!

ELE

O vídeo-tape é às 9. Já sei.

ELA

Não. Foi adiado. O califa ficou doente.

ELE

Conversa! Naturalmente tomou outra bebida. Está de ressaca!

ELA

Maldade, Berto. O rapaz pode estar mesmo mal. Hepatite.

ELE

Mas então... Espera aí! Como é que eles vão acabar essa história?

ELA

E eu sei?

ELE

Está parecendo o começo de cinema nacional: o cara não recebeu o ordenado e somente no meio da filmagem e aí, quer resolver o assunto, o Lulú não conversou. O galã entra e diz alarmado: "O Henrique! O Henrique! Meu Deus! Que foi? - O Henrique morreu atropelado agora mesmo na estrada!" E a fita acabou sem o Henrique. Estou vendo que, agora, a novela "Amor de Califa", vai acabar sem califa e sem amor. Agora você entende? Entende porque tenho que explodir?

ELA

Sempre entendi.

ELE

Fico à disposição até de califa com hepatite.

ELA

Coitado do rapaz, Berto!

ELE

"Deixei de ser aquele que esperava
Isto é, deixei de ser quem nunca fui"...

ELA

Berto, eu acho que...

ELE

"Tudo quanto penso
Tudo quanto sou
É um deserto imenso
Onde nem eu estou".

Eu só queria que você entendesse...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 089, p.79

ELA

64
MRS

"O amor é que é essencial
O sexo é só um acidente". E em vez dos grandes poetas, dos
grandes dramaturgos, sou obrigado a rastejar dentro de mim
mesmo...vivendo esse Fernando crápula e canalha que abandona
uma pobre criatura ao lêo da sorte.

ELA

Berto, "Lêo da sorte", não!

ELE

É tremendo! Você sabe que é tremendo! Você me conhece, não co-
nhece?

ELA

Conheço, meu bem.

ELE

Você sabe que eu não sou isso que querem fazer de mim.

ELA

Sei meu amor.

ELE

Cada palavra que eu digo é o oposto daquilo que eu calo. Não
é verdade, meu bem?

ELA

É, mas também é verdade que isto que você está dizendo não é
seu, nem você.

ELE

Você tem a coragem de insinuar que eu já não me exprimo com mi-
nhas palavras, meus pensamentos, meus sentimentos?

ELA -

Nem mesmo esta frase é sua, meu bem.

ELE

Eles não vão querer que eu apareça nessa droga, vão?

ELA

É tão boa ou tão má como tôdas as outras.

ELE

Eu, palavra de honra, já não sei mais. Eu queria viver um personagem humano, coisas que acontecessem comigo, entende? Mas quando um autor quer impressionar a platéia inventa terremotos, ciclones, furacões, inundações, peste bubônica, mãe-solteira, assassinatos, estrupres, incestos, o diabo! A única coisa que esquece é que eu tenho que viver um personagem de carne e osso, gente, entende?, gente, e que um terremoto ou mesmo o dilúvio não resolvem o meu problema de ternura humana, não transmite a minha mensagem!

ELA

Como é que não resolve? Mas se...

ELE

Você não viu? Eu sou o canalha que seduz uma pobre menina, tendo uma noiva em Buenos Aires. A menina tem uma filha que é criada por quem? Por mim? Não. Eu sou o sórdido, o crápula, que já casou com a noiva argentina e tem três filhos.

ELA

(SORRIGE) Quatro! As mulheres gostam de vê-lo másculo, indomável.

ELE

Mas isso não é virilidade nem aqui nem na China... Isto é atrocidade. Ser um dominador, um vencedor, é uma coisa. Ser tarado é outra.

ELA

E o que é que você quer de mim?

ELE

Nada. Quero que, ao menos, você me compreenda. A heroína... chega a Buenos Aires chamada por um telegrama urgente, luta pela vida de sua filha, que não sabe que ela é a mãe dela, a fórmula

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

2ª ato - pag.66

mais infantil do mundo... chave de todos os noveleões bafatos do universo... luta pela filha que eu sei que é minha... e quando a coitadinha vem pra mim e o público inteiro, o povo inteiro, a humanidade inteira está torcendo para que eu tenha um gesto... Um único!

ELA

A humanidade inteira é um pouco de exagero, não é, Barto?

ÊLE

Digamos... o país. O que é que eu faço? Estendo a mão à pobre coitada? Mostro que errei, que carregarei a cruz pelo resto da minha vida? Não. Ela vai embora, vítima, cheia de lágrimas, carregando toda a torcida do meu público... e eu fico ali com cara de mau, decepcionando toda a minha imensa, incalculável, legião de fans. Só quero saber de uma coisa. Uma só; tenho ou não tenho razão? E depois calculo o texto, os diálogos. Vou ter que mudar tudo como da outra vez!

Toca o telefone. ÊLE atende com raiva barrando.

ÊLE

Aiô!... (PERCEBE-SE QUE SUA INTENÇÃO ERA DESLIGAR LOGO) Sei... (A FLA) O cara diz que encontrou outra solução pra novela... (AO FONE) Como é?... "Eu abandono a minha mulher e os quatro filhos e vou com Helena". Ótimo!... Mas, sua cavalgada, você não percebe que assim eu fico sendo um canalha ainda maior?...

ELA

Deixa o homem criar... você fica...

ÊLE

(A FLA) O homem só cria minhoca na cabeça. (AO FONE) Olha, rapaz. Você quer um conselho de irmão?... Faça uma viagem... Descanse esse seu cérebro privilegiado! Faça uma romaria. Não. Não precisa ir a Lourdes ou Nazaré! Vá à Inglaterra, a Stratford, visitar o suposto túmulo de um suposto cidadão britânico supostamente chamado William Shakespares... Já ouviu falar, não ouviu

ELA

Você tem a mente de macho as pessoas.

ELE

(AO FONE) Ciao. (DESLIGA).

ELA

Engraçado! Eu nunca vi você tão desesperado com história, mensagem...

ELE

Cansaço, Naná. Tem hora que a gente explode mesmo.

ELA

Não sei porque você está tão preocupado com tudo isso se me diz, todos os dias, que tudo é provisório e que vai deixar esta vida e quer paz, sossego, ilha, solidão.

ELE

Mas é isso que eu quero.

ELA

Você anda na rua, de óculos escuros, que nem Greta Garbo, pra não ser reconhecido, você diz. Mas, quando a pessoa não reconhece você, tem crise de nervos.

ELE

Mentira! Sempre tive uma enorme inveja dos anônimos. Uma tremor da nostalgia dos João Ninguém! Como é bom a gente poder circular entre o povo! Eu não posso mais andar em público sem ser assaltado. No mês passado me estragaram oito camisas esporte e dois ternos! Você mesmo viu!

ELA

Você, então, deve estar descaindo porque, na última excursão, você estragou quatro ternos e quinze camisas.

ELE

Verdade?

ELA

O engraçado em tudo isso é que eu é que devia estar fula e você é quem reclama. Você ainda se queixa! Eu que sou obrigado a

fans?

ELF

A Lucília telefonou de novo?

ELA

Quem falou em Lucília? Está vendo? Quem é ela pra você?

ELF

Ora!

ELA

O que é que ela representa na sua vida? Quem é?

ELF

Ninguém.

ELA

Ah, agora ela é ninguém. Não é a tal que se escondeu no quarto e nos acordou no meio da noite fingindo uma crise nervosa? Ou é a Lucília atriz de São Paulo?

ELF

Não muda de assunto. Não vem com essa de querer me proteger porque aí nessa fitonovela ninguém me protege. Eu apareço até de costas. E a crise de Lucília não era fingida.

ELA

Não era fingida, uma pinoia. Eu sei perfeitamente quando as pessoas estão representando, ou já não sei mais?

ELF

A pobreza de imaginação desses autores me alarma.

ELA

É não é? Não disfarça falando da novela. É a Lucília?

ELF

Em vez de fazersm de mim um conquistador barato... porque não posso viver um Pasteur?...

ELA

É que ninguém se apaixona por um Pasteur.

ELF

... um Santos Dumont!

O PECADO IMORTAL de Pedro Bloch

2ª ato - pag. 59

ELA

Você não tem cara de Santos Dumont.

ELE

Um Carlos Gomes, entende? (REVOLVE OS CABELOS) ... ou mesmo um personagem lutando por uma causa nobre qualquer!

ELA

Porque é que você se gosta tanto de nobreza não luta por uma causa nobre na vida real?

ELE

Mas é por isso mesmo que eu quero deixar tudo... Tu falo que nem uma catarata e você, nada não me entendeu!

ELA

Quer saber o que eu penso? O que eu sinto de verdade mesmo? Acho que nós mesmos passamos a acreditar em nossos personagens e enxartamos em nós pensamentos e sentimentos que são deles, amor de matéria plástica, amor em vídeo-taps.

ELE

Você não pode estar dizendo isso a sério.

ELA

Seríssimo

ELE

Você acha uma monstruosidade dessas? Mas acha mesmo?

ELA

Às vezes me pergunto: será que nós sentimos de verdade o que fingimos ou somos, simplesmente, a sexta raça?

ELE

Sexta raça? Que sexta raça é essa?

ELA

A dos atores. O que você sente por mim é pelo que eu sou ou o que você vê nos meus personagens? Quando você berra ou grita, ama, não sei se você está amando ou berrando com Teresa Maria,

40
M240

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

2º ato - pag.70

com Helena, Heloisa ou outra heroína de uma novela qualquer...
Você vê em mim não o que eu sou.. mas uma colcha de retalhos
de tãda essa gente.

ELE

E você?

ELA

Fu não, meu filho. Pra mim, qualquer que seja a sua máscara, o
seu papel, a sua fala ou o seu disfarce com bigode ou sem bigo-
de, com ou sem costeleta, você é sempre, sempre, o Berto, Berto,
Berto. E mais nada!

ELE

Você, pra mim, também é você.

ELA

Como é que eu posso ser o que sou se você nem sabe como eu sou,
Berto? Você muda em cada papel até na vida real! Se interpreta
um risaço não aberta, começa a dar gorjetas de notas de dez con-
tos. Se faz um homem truculento, quer brigar com todo o mundo,
até com o porteiro e o chofer. Eu já sei pelo que você é de
verdade aquilo que você representa de mentira. Estou unida a
uma multidão. Com você eu me sinto polígama.

ELE

Você tem cada idéia!

ELA

Ainda se eu traisse você, seria um consôlo mas só engano você
todos os dias..com você mesmo.

ELE

Como é isso?!

ELA

Lógico. Se você, hoje, é o Príncipe de Belmonte e, amanhã, é o
aventureiro Jean-Jacques é claro que você já não é mais você,

confere? Mas, pra mim, a coisa, agora acabou. Mas acabou mesmo! Ou você resolve ser você comigo ou vou procurar o homem que eu imaginei que você fosse e que não é nenhum dos personagens que você interpreta.

ELF

Naná, você está cometendo uma clamorosa injustiça.

ELA

O Berto que eu conheci era gente, tinha carne própria, alma própria; não era marionete, fantocha, não vivia de palavras e temperamentos emprestados. Quero você com todos os seus defeitos. Não quero herói de novela. Quero que você seja simplesmente gente, com todas as fraquezas e cacoetes do homem comum. Pode ser até feio e covarde, mas VOCÊ!

ELF

Ah, mas eu acho que estou sendo castigado por ter falado mal da tal carta fechada! Já vi que ninguém me entende mesmo! Ah, foi! Castigo! Você já devia estar acostumada comigo. Você sabe o que eu tenho aturado! E como se não bastasse, ainda vem aquela cambada de crítica... Você leu, não leu?

ELA

Cambada por que?

ELF

Eles me perseguem, Naná. Você está cansada de saber que eles me perseguem. Tudo que eu faço, pra eles, agora, é droga. Eles me odeiam.

ELA

Eu também acho que o que você faz de vez em quando é uma droga, e amo você. Já vê que não é bem assim.

ELF

Ah, não é? Então você não acha que todos eles são um bando de recaçados, frustrados?...

ELA

São. Como todos nós. Como todo mundo! Frustração e recalque
tôda gente tem.

ÊLE

Mas deram o prêmio no ano passado? Deram?

ELA

Você não merecia.

ÊLE

Não merecia na opinião deles que são uns cretinos e não me po-
dem ver nem pintado!

ELA

Não merecia na minha... opinião que não sou cretina e adoro vo-
cê.

ÊLE

Cada coisa tem que ser julgada dentro de seu gênero. Se eu fi-
zesse o Hamlet, por exemplo, aí...

ELA

Você não tem mais idade pra fazer o Hamlet.

ÊLE

Não tenho? O Gielgud fez o Hamlet com cento e quinze anos.

ELA

O Gielgud é o Gielgud e é inglês. E pra sua conformação, Shakes-
peare nasceu na Inglaterra.

ÊLE

E eu nasci aqui. Só faltava agora você vir com sua falta de
nacionalismo, duvidar de meu potencial artístico.

ELA

Não duvido de que você é capaz de fazer, Berto. Duvido de que
você vai fazer.

ÊLE

É que eu "tenho as mãos replatas de pecados e os olhos peçados
de tremendos pesadelos..."

ELA

Este poema eu conheço. Fala você!

ELE

Também não posso mais abrir a boca sem que você conheça logo em mim outra pessoa. Você me traduz logo em teatro.

ELA

É que você é sempre outra pessoa. Você podia, de vez em quando, fazer um feriado e soltar você próprio da jaula, pra variar.

ELE

Por falar em jaula. O nosso "genial" autor já telefonou?

ELA

(PULA) Minha mãe! Como é que eu fui esquecer troço desses?

um

ELE

Rotina, não é, minha filha?... Quando não esquece texto, esquece coisas. Telefonou?

ELA

Não só telefonou como mandou esse rolô de gravação. E o texto. Barte. Extranhei o título.

ELE

que título.

ELA

O negócio que ele mandou tem assim... um nome exquisite!... e chama "O pecado imoral".

ELE

E que tem isso? Um nome como outro qualquer... Pecado...Imoral.

ELA

Que será pecado imoral?

ELE

O que é que você acha que é?... (PAUSA) Pecado Imoral... Só pode ser luxúria... amor...

ELA

Pra mim a avareza é muito mais imoral que a luxúria.

ELE

Onde está esse diabo de script? (PROCURA) Cadê o texto?

ELA

Por aí. (PROCURA E ENCONTRA UMA PILHA DE SCRIPTS.) Ah, está aqui!

ELE

(PREGA E OLHA) Mas você tem cada uma! Não é pecado imoral, moça!

ELA

Não é? Mas então...

ELE

É pecado imortal.

ELA

Não! Mas como foi que eu...

ELE

Olhe. Veja!

ELA

É mesmo!... Certo, que será "Pecado Imortal?"

ELE

Ora, o que é que você acha que é?... (PAUSA) "Pecado Imortal"... (PAUSA) Só pode ser amor... luxúria...

Neste momento ela tira da pilha de scripts uma cópia que dá a ela e fica com uma declamando vibrantemente "novelasco", com grande ênfase:

ELE

"Cãoi Horrroso monstro! Transforma-o, infinito espírito... Salva-a ou, então, pobre de ti. Que maldição horrorosa caia sobre tua cabeça pelos séculos sem fim... (AGARRA-A).

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

2º ato - pag.75

ELA

(ENTRANDO NO JOGO DA REPRESENTAÇÃO) "Páral... Tens a coragem inaudita de me agarrar com violência?... Tu? Já te neguei acaso, algum dia o que é devido àquela a quem se ama? Afasta-te! Longe daqui!"

ELE

"Calá-te, donzela incauta e impudica!... Dese amor, vida minha! É dia..."

ELA

"Sim. É dia. Amanhece. O derradeiro dia projeta sua luz aqui. É o dia do meu casamento. Não digas a ninguém que já estiveste comigo. Soa o sino... a multidão invade as ruas e o silêncio é total... Sou levada à cadeira do suplício... Já te dos sentem o gume do machado em suas nuças, o gume que se vai abater sobre a minha. E o mundo aí está silencioso como um túmulo. O mundo se cala! Acabou-se o Mundo! Acabou-se o Universo!"

ELE

(NUM RIDÍCULO ATRÓZ) "Oh, maldita hora, hora maldita! Antes não ter nascido!" (RASGA O SCRIPT COM RAIVA) Mas isto é o fim! Que novela infame é essa? Por que é que se entrega sempre a redação dessas coisas a analfabetos?!

ELA

(OLHA A CAPA DO SCRIPT QUE TEM NA MÃO, ENQUANTO UMA CARTA CAI, DE DENTRO, AO CHEIO) Grande bobalhão! Sabe o que lemos?

ELE

"O Pecado Imortal".

ELA

Que pecado nada, Bartol! É o "Fausto"!

ELE

Mentira!

76
msu

ELA

De Goethe.

ELF

(PEGGA A FLITO SEM ACREDITAR) Não pode ser!

ELA

Juro!

ELF

E como é que isso veio parar aqui?

ELA, olha e percebe a carta que caiu.

ELF

(QUER PEGAR A CARTA ANTES D'ELA) A carta deve ser pra mim.

ELA

Um momento. Desde quando é que, entre nós dois, existe correspondência secreta? (ABRE O LIT... ELF FICA NA ESPERATIVA) Então era isso... Era isso que você me estava escondendo?!

ELF

Escondendo... o que?

ELA

Você armou a representação de "Fausto" pra você... não me disse nada... e a Margarida vai ser, naturalmente, sua querida Lucília.

ELF

Mas se... eu não sei de proposta nenhuma... de Fausto nenhum... juro!..

ELA

Você sempre me considerou uma canastrona, não é?

ELF

Juro que não sei de Margarida nenhuma! E... depois... pra ser Margarida... você tinha que ser louca. As tranças não deixa ao menos...

ELA

Que tranças?... Com essas perucas maravilhosas de nylon vira-se louca em segundos. Não me venha com essas desculpas esfarrapadas.

44
Mello

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

2º ato - pag.77

ELE

Naná, eu... palavra...

ELA

(IMPLACÁVEL E IRÔNICA) Você, ao menos, reservou ALGUM papel para mim?

ELE

Fu jamais deixaria você fazer um papel secundário. Você é uma estrela!

ELA

Então você vai passar toda uma temporada, em São Paulo, com essa vigarista que finge acreditar que você é uma mistura de Don Juan, Superhomem e Vinicius de Moraes. É isso?

ELE

Mas se você não deixa, ao menos... Se estou sabendo disso, agora! Se juro que nem li a carta.

ELA

Só quero saber porque você manteve o segredo; porque me fala em novelas e em cinema, porque me vive iludindo com projetos e mentiras, quando está cansado de saber que o único projeto que você tem para São Paulo é o eterno triângulo: você, ela e Goethe. Pois você pode vicar com Goethe, com Eurípedes, com Plauto, com Shakespeare, com Molière, com toda essa cambada que você não representará nunca, com toda essa galeria de fazedores de mentiras e de sonhos que fizeram de você esse marionete desgraçado, esse boneco de mola que você é. É só encher a bola, soprar dentro de sua imensa vaidade e pronto. Incha, explode. Você cai diante da primeira vigarista que aparece em sua frente. Pois pra mim, chega!... Esse negócio de chorar, num canto, amor fracassado, de olhar, de longe, a felicidade alheia, é muito bom pra trigésimo quinto capítulo de "Os amores de Laura". Na minha

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

2º ato - pag.78

vida de verdade não quero novela. Quero viver o que sou, mesmo que eu não preste. Quero mostrar minha cara, minha burrice, tudo, até minha tremenda e desmedida vulgaridade!

ELE

Mas eu não entendo, Naná. Juro que não entendo! (QUASE SUPLICANTE) Naná você está enganada. Tudo isso... só tem sentido... se eu souber que... quando as coisas adoram... de sonho ou de verdade... você está à minha espera sem fundo musical, sem refletores, você mesma. Entende? Você é que é a minha música, Naná. Há coisas que eu só quero representar pra você e você nem sabe o quando você representa pra mim. Não os papéis que você cria. Você! Você mesma!

ELA

Você acha... que eu não estou... à altura da Margarida, do Tausto.

ELE

(CONFESSANDO A CONTRAGÔSTO, MAS "FORÇADO" A UMA VERDADE QUE TALVEZ VAI MAGOAR). Não. Não está.

ELA

E você acha que está a altura de interpretar o "Tausto".

ELE

Não. Tenho tentado me iludir o tempo todo, entende? Não foi por não acreditar em você que eu eliminei de certos planos. Foi por acreditar demais. O que eu não acredito é em mim, entende?... Já mais quis jogar você às feras. Quero que você entenda, pelo amor de Deus. Não sei de nenhum "Tausto". Mas sei que pra mim seria apenas um fracasso. Pra você não; você é sensível. Você vive transbordando bondade e ternura. Pra você cada gesto, cada palavra, tudo, deixam marca na alma, no que você sente, no que você é. Tudo, pra você, é vital... É...

ELA

Jura que está dizendo a verdade?

ELE

Juro, meu amor. Juro!... É duro deixar cair a máscara e olhar a verdade no espelho. Nós não nascemos para criações imortais. Nem é preciso. Já é tanto o que Deus nos dá! Fazer vibrar, viver, sonhar, gente como nós, que vive com nossos personagens, que sonha nossos sonhos, que ri de verdade nossos risos fabricados e chora de verdade nossas lágrimas de mentira. Deus é bom, Margarida!...

ELA

Meu nome é Naná!

ELE

(CORRIGE DEPRESSA) Deus é bom, Naná! Ele nos deu essa glória fugaz, essa glória feita de sombras, de imagens, de aventura, fantasia, almas e gente multiplicada em video-tape em milhares de casas que invadimos sem saber. E a nossa missão é tão bonita, Naná. Nossa missão é dizer a toda a gente, desde a mais humilde à mais alta das criaturas, que ainda existe o amor, que a bondade ainda tem guarida na face da terra e que, enquanto existirem um homem, uma mulher, um poema, existirá o romance e nós viveremos todos os tipos que eles queiram: o espadachim, o amoroso, o idealista, o aventureiro... para encher de sonho e aventura tanta vida vazia e sem sonho.

ELA

E em meio a tudo isso, onde está nossa vida? Nosso amor?

ELE

(VIBRANTEMENTE EXALTADO) Mas esta é a nossa vida. Este é o nosso amor. Nossa vida é a vida de nossos personagens. Nosso amor está dividido por todos os que sonham os sonhos que fabricamos. Nosso amor está em cada tela, em cada imagem, multiplicado pelos sentimentos e pelo amor que evocamos em cada... Entende, Naná?... Nós devemos ser o que eles querem que nós sejamos porque nós somos para eles o que eles sonharam ser.

80
MBSB

2º ato - pag. 80

ELA

(PEGA DA CARTA E PARECE REVIVER A CENA DA "CARTA FECHADA" DO INÍCIO DA PEÇA, COMO SE FOSSE A PERSONAGEM DINA) Até hoje de manhã esta carta... pra todos os efeitos... não existia pra mim. Foi quando tive a maldita idéia de olhar êsse texto...

ÊLE

(PERCEBE A "INTERPRETAÇÃO" DELA E ENTRA NO JÓGO, COMO QUE ASSUMINDO O PAPEL DE ALDO DO COMEÇO DA PEÇA) E a carta caiu... É bom que você viaje... Dina... Há gente maravilhosa em todos os cantos da terra... Cada povo tem seu canto e... (MUDA) Você... Naná... casou com o homem certo: Comigo. (ÊLE PEGA DA CARTA DAS MÃOS D'ELA E, PELA PRIMEIRA VEZ, OLHA O ENVELOPE) E ... depois... você talvez ignore... desconhece um pequeno detalhe. (AO NATURAL) Esta carta não é dirigida a mim.

ELA

(ARRANCA ENF O ENVELOPE DEPRESSA E OLHA ESPANTADA, ENQUANTO ÊLE RELE A CARTA).

ÊLE

Você é que vai fazer a Margarida... O convite... a carta... é pra você. (ÊLE LHE ESTENDE A CARTA, ELA A OLHA ADMIRADA) O recusado... Naná... o recusado... fui eu.

Para surpresa de ÊLE, ELA tem uma crise de alegria, um mixto de dança e entusiasmo, de explosões de gestos e vibração de felicidade intensa.

ELA

(NO AUGO DA FELICIDADE COMOVIDA) Mas que bom que isso tenha acontecido! Que bom, Bertol! Que maravilha! (ELA RI INTENSAMENTE) É a mim que eles querem, a mim! A MIMI... Só a mim, Bertol! Só a mim! (ÊLE ANALISA, ENTRE TRISTE E ADMIRADO, TANTO JÚBILO) Bertol, que bom que isso acaba assim!

ELE

Bom... que eu tenha sido recusado?

ELA

(NO AUGÉ) Não, Berto. Bom que eu tenha sido aceita. Que maravilha, meu bem! Que maravilha... (PAUSA - A SÉRIO) Porque assim poderei esfregar-lhas com o texto na cara e gritar bem alto para que todos ouçam: "Não quero! Não quero! Não quero!"... Juntos, meu amor! Se juntos, sempre juntos. Para sempre... Juntos para sempre... Para sempre! (ABRACA-O JUBILOSA).

ELE

Mas não é justo, Naná. É a grande... talvez a única grande chance de toda a sua carreira...

ELA

Minha carreira? Minha carreira, Berto, é o amor. O seu amor. Minha carreira é você, entende? Minha carreira é poder dar um pouco de mim a toda gente. Talvez a grande beleza do que fazemos, nossa angústia maior, consista no efêmero dessa glória. Queremos que nos vejam, que nos sintam, antes que nos esqueçam. E todos... Todos vão nos esquecer. Por isso é que é tão importante termos um ao outro. Alguma que não nos esqueça nunca. Por isso é que é tão maravilhoso estar a seu lado, Berto... Mesmo sabendo que os aplausos são provisórios e que a cada dia é preciso reafirmar nosso amor, em cada novo capítulo! Esta é a nossa vida, Berto! Entende, Berto? Esta é a nossa vida! Berto... Ouça... Está ouvindo?... (ENTRA UM PREFIJO LINDÍSSIMO DE NOVELA ROMÂNTICA) (AS LUZES SE AFINAM DE ACÓRDO) Não é lindo, Berto? Não é maravilhoso? Nós dois na tela e milhares e milhares de olhos fixos na tela, milhares de corações em suspenso... (CRESCER O PREFIJO DA NOVELA E LOGO APÓS FICA EM NG ENQUANTO ELA DIZ, COM A VOZ RMEADA, QUASE ROMPENDO EM PRANTO, IMITANDO A APRESENTAÇÃO DA TV) "E, agora, senhores telespectadores... sob o alto patrocínio do.

O PECADO IMORTAL - de Pedro Bloch

2º ato - pag. 82

sabonete Carícia... beleza feita de espuma...

ÊLE

... temos o grande orgulho de apresentar...

ELA

... o trigésimo quinto capítulo da sensacional novela... "O AMOR IMPOSSÍVEL DE HELENA"... (CRESCER E DECRESCE O PREVIYO. A ESTA ALTURA ELA SE COLOCA DE UM LADO E ÊLE DE OUTRO DO PALCO, DE FRENTE PARA O PÚBLICO, SEPARADOS POR UNS DEZ METROS DE DISTÂNCIA).

ÊLE

(INDICANDO COM A MÃO A ELA)... COM IZONA MAGALHÃES...

ELA

(INDICANDO A ÊLE COM A MÃO ESTENDIDA)... e CARLOS ALBERTO.

Baixam a cabeça para agradecer ao público, enquanto o preli-
xo cresce e no palco são projetados em tela de TV os grandes
sucessos da Dupla romântica e o pano vai fechando lentamente...
para o ...

FINAL DA PEÇA

Pompás



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



N.º DE REGISTRO **1822/67**

TÍTULO ~~DO FILME~~ **DA PEÇA: - O PECADO IMORTAL -**

~~PRELITO~~ **AUTOR: PEDRO BLOCH**

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

Válido até **23** de **OUTUBRO** de 19 **68**

Brasília, **23** de **OUTUBRO** de 19 **67**

PROIBIDO
ATÉ
— 16 ANOS —

Chefe do S. C. D. P.
A. ROMERO LAGO

CERTIFICADO N.º 1822/67

PEÇAS TEATRAIS

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~filmes cinematográficos~~
 encontrei sob o n.º 1822/67, livro ~~XXXXXXXXXX~~, o registro do filme
 denominado A - O PEDADO IMORTAL - PEÇA

~~XXXXXXXXXX~~~~XXXXXXXXXX~~~~XXXXXXXXXX~~AUTOR: PEDRO BLOCH

com ~~XXXXXXXXXX~~ 01 cópias, censurada em 23 de OUTUBRO de 19 67.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que o referido filme,
 de acôrdo com ~~o artigo 7.º do Decreto nº 497 de 24/1/46~~
 Decreto 37.002 de 8/3/55, fôsse ÍTEM 7, PARÁGRAFO 1.º, DA PORTARIA Nº 11/67,
FOSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL, COM
A PROIBIÇÃO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS, E PARA TELEVISÃO, ACOM-
PANHANDO O SCRIPT NUMERADAS E RUBRICADAS AS PÁGINAS DO MESMO DE 01 A 42
(1.ºATO) E DE 43 A 82 (2.ºATO)

Brasília, 23 de OUTUBRO de 19 67

M. Weitzel
 Secretário



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



N.º DE REGISTRO 1805/67

TÍTULO ~~XXXXXXXX~~ DA PEÇA: - O PECADO IMORTAL -

~~XXXXXXXX~~ AUTOR: PEDRO BLOCH

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

Válido até 19 de OUTUBRO de 19 68

Brasília, 19 de outubro de 19 67

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO.

[Assinatura]
Chefe do S. C. D. P.

A. ROMERO LAGO

